



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CAMPUS DE ARIQUEMES**

IZABEL BANFI DE ALMIRON MEINHARDT

**ALFABETIZAÇÃO COM ENFOQUE CONSTRUTIVISTA: UM ESTUDO EM UMA
TURMA DO TERCEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA
PÚBLICA.**

**ARIQUEMES - RO
2015**

IZABEL BANFI DE ALMIRON MEINHARDT

**ALFABETIZAÇÃO COM ENFOQUE CONSTRUTIVISTA: UM ESTUDO EM UMA
TURMA DO TERCEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA
PÚBLICA.**

Monografia elaborada como pré-requisito
para a obtenção do grau de Licenciatura
em Pedagogia apresentada à
Universidade Federal de Rondônia -
UNIR, sob a orientação da Professora
Especialista Marcia Ângela Patrícia.

**ARIQUEMES - RO
2015**

Dados de publicação internacional na publicação (CIP)

Biblioteca setorial 06/UNIR

M514a

Meinhardt, Izabel Banfi de Almiron

Alfabetização com enfoque construtivista: um estudo de caso em uma turma do terceiro ano do Ensino Fundamental de uma escola Pública . / Izabel Banfi de Almiron Meinhardt. Ariquemes-RO, 2015. 57 f. : il.

Orientador (a): Prof.(a) Esp. Márcia Ângela Patrícia.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) Fundação Universidade Federal de Rondônia. Departamento Pedagogia, Ariquemes, 2015.

1. Alfabetização. 2. Método construtivista. 3 Prática Pedagógica. I. Fundação Universidade Federal de Rondônia. II. Título.

CDU: 34.014.22

Bibliotecária Responsável: Fabiany M. de Andrade, CRB: 11-686.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE ARIQUEMES**

Criado pela Resolução 006/CONSUN, de 16 de maio de 2007

Av. Tancredo Neves, 3450 - Centro/ Ariquemes-RO / Cep: 76.872-848
Fone/Fax: (69) 3535-3563/ E-mail: campusariquemes@unir.br

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - DECED

IZABEL BANFI DE ALMIRON MEINHARDT

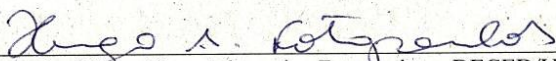
**ALFABETIZAÇÃO COM ENFOQUE CONSTRUTIVA: UM ESTUDO EM UMA
TURMA DO TERCEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA
PÚBLICA**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Banca Examinadora



Prof.ª Esp. Márcia Angela Patrícia – DECED/UNIR



Membro: Prof. M.e. Hugo Athanasios Fotopoulos – DECED/UNIR



Membro: Prof.ª Esp. Maria Norma Lopes Souza Silva – DINTEC/UNIR

Ariquemes-RO, 10 de Julho de 2015.

Deus nosso mestre do universo e a meus familiares que com muita paciência me apoiaram nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus professores, que diretamente ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, em especial a professora Marcia Ângela Patrícia, pelo apoio e ajuda pedagógica e, especialmente aos meus familiares e amigos que estiveram sempre ao meu lado e são testemunhas do meu esforço e dedicação para a concretização do mesmo.

RESUMO

A partir da década de 1980 o enfoque em torno da alfabetização ganhou uma nova dimensão, saindo de um contexto tradicional para uma proposta de alfabetização na perspectiva do desenvolvimento da criança, passa-se a valorizar o como a criança se apropria da leitura e da escrita, inserindo-se aí outras áreas, principalmente a psicologia. Nesse sentido os estudos de Piaget sobre as fases do desenvolvimento da criança são impulsionados e Emília Ferreira e Ana Teberosky aprofundam os estudos sobre esse desenvolvimento por meio da psicogênese da língua escrita, constituída por hipóteses da escrita realizada pela criança compreendendo várias fases: nível pré-silábico, nível silábico, nível silábico alfabético e nível alfabético. Dessa forma, esta pesquisa objetiva compreender como acontece a alfabetização em uma perspectiva construtivista. Buscou-se em várias bibliografias amparo teórico para se alcançar o que fora proposto como Ferreira (2010; 2011) Teberosky (2004), Goulart (2010), Pádua (2009), Munari (2010), entre outros, e com essas leituras prévias foram realizados fichamentos conceitual conforme propõe Severino (2004). A pesquisa de campo foi de cunho qualitativo, realizada em uma escola pública municipal do município de Alto Paraíso-RO. Os sujeitos da pesquisa foram professores alfabetizadores e pais de alunos. Os instrumentos para a coleta de dados foram questionários, entrevista e, observação em uma turma do 3º ano do ensino fundamental. As análises apontam que uma prática pedagógica construtivista requer um professor bem preparado e conhecedor dos fundamentos teóricos e epistemológicos do construtivismo, para não ficar só no discurso, bem como, materiais e uma estrutura adequada para a realização das atividades pedagógicas que são sempre dinâmicas.

Palavras-chave: Alfabetização. Método Construtivista. Prática Pedagógica.

RESUMEN

A partir de la década de 1980 el enfoque alrededor de la alfabetización ganó una nueva dimensión, saliendo de un contexto tradicional para una propuesta de alfabetización en la perspectiva del desarrollo del niño, se pasa a valorizar el cómo el niño se apropia de la lectura y de la escritura, se insertando ahí otras áreas, principalmente la psicología. En ese sentido los estudios de Piaget sobre las fases del desarrollo del niño son impulsados y Emília Ferreiro y Ana Teberosky ahondan los estudios sobre ese desarrollo ocurre por medio de la psicogénesis de la lengua escrita, constituida por hipótesis de la escritura realizada por el niño comprendiendo varias fases: nivel pre silábico, nivel silábico, nivel silábico alfabético y nivel alfabético. De esa forma, esta pesquisa objetiva comprender cómo ocurre la alfabetización en una perspectiva constructivista. Se procuró en varias bibliografías amparo teórico para se alcanzar lo que fuera propuesto, como Ferreiro (2010; 2011) Teberosky (2004), Goulart (2010), Pádua (2009), Munari (2010), entre otros, y con esas lecturas previas fueran realizados fichamentos conceptuales conforme propone Severino (2004). La encuesta de campo fue de cuño cualitativo, realizada en una escuela pública de la municipalidad de Alto Paraíso-RO. Los sujetos de la encuesta son profesores alfabetizadores y padres de alumnos. Los instrumentos para la colecta de datos fueran cuestionarios, cita y observación en una turma del 3º año de la enseñanza fundamental. Los análisis apuntan que una práctica pedagógica constructivista requiere un profesor bien preparado y conocedor de los fundamentos teóricos y epistemológicos del constructivismo, para no quedar solo en el discurso, bien como, materiales y una estructura adecuada para la realización de las actividades pedagógicas que son siempre dinámicas.

Palabras-clave: Alfabetización. Método Constructivista. Práctica Pedagógica.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS EPISTEMOLÓGICOS DO CONSTRUTIVISMO	9
2.1 O CONTEXTO DO SURGIMENTO DO CONSTRUTIVISMO	13
2.2 DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA SEGUNDO OS ESTUDOS DE PIAGET	15
2.3 OS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO	18
2.4 A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA.	20
2.5 CONSTRUTIVISMO NA ALFABETIZAÇÃO E SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	25
3 METODOLOGIA	28
3.1 MÉTODOS DA PESQUISA E ESTUDO	29
3.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	Erro! Indicador não definido.
3.2 PESQUISA DE CAMPO	31
3.3 LÓCUS DA PESQUISA	32
4 ANÁLISES E DISCUSSÕES	35
4.1 DADOS DOS PROFESSORES COLABORADORES	35
4.2 ANÁLISES DOS DADOS COLETADOS DOS PAIS	39
4.3 ENTREVISTA COM A PROFESSORA	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS.....	56

1 INTRODUÇÃO

Esta investigação nasceu da necessidade de entender como acontece a alfabetização em uma perspectiva construtivista, com ênfase no ciclo dos anos iniciais do ensino fundamental. A motivação para o objeto de pesquisa se deu nas aulas da disciplina de Fundamentos e Práticas da Alfabetização e em seguida a própria prática vivenciada no Estágio Curricular II, onde surgiu o interesse em compreender como acontece a alfabetização e o letramento a partir dos níveis em que cada criança alcança o conhecimento da leitura e da escrita.

Com o objetivo de alcançar respostas aos questionamentos sobre os métodos de alfabetização, e em especial como acontece o método construtivista de ensino, buscou-se construir um referencial teórico para interpretar os dados empíricos coletados na pesquisa de campo, foi realizada a pesquisa bibliográfica através do levantamento e seleção de obras de vários autores construtivistas, Ferreiro (2010; 2011) Teberosky (2004), Goulart (2010), Pádua (2009), Munari (2010), entre outros, e com essas leituras prévias foram realizados fichamentos conceitual conforme propõe Severino (2004).

A alfabetização embasada em uma perspectiva construtivista, demonstra em como acontece o aprendizado da criança em conjunto com o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, para desenvolver a construção do conhecimento da leitura e da escrita, sendo a linha construtivista uma quebra de paradigmas e entendendo que todos os fatores que envolvem a criança também a desenvolvem. Dessa forma, as práticas pedagógicas abrangendo a perspectiva construtivista auxiliam a criança a organizar as propostas em sala de aula, principalmente com materiais concretos.

Para averiguar o proposto foi realizada a pesquisa de campo, em uma escola pública municipal localizada na área urbana do município de Alto Paraíso – Rondônia. As técnicas para coleta de dados se deu por meio de questionários múltiplos, entrevista e observação (SEVERINO, 2004). O questionário foi aplicado aos professores alfabetizadores, a entrevista foi aplicada à professora titular do 3º ano, e a observação aconteceu em uma turma do 3º ano do ensino fundamental. Ao final foram confrontados os dados dos estudos bibliográficos, com a pesquisa empírica sendo realizada uma análise, com os princípios construtivistas para obter as respostas do problema levantado que gerou o estudo, para responder a questão

investigada sobre alfabetização, qual seja: alfabetização com enfoque construtivista: um estudo em uma turma do terceiro ano do ensino fundamental de uma escola pública.

De modo geral, de acordo com os elementos teóricos apresentados por meio do método construtivista fez uma análise no processo de alfabetização e letramento, buscando identificar suas formas aplicadas na prática, onde deu-se ênfase aos fundamentos defendidos por Ferreiro e Teberosky, incluindo aí os valores culturais no início do processo de alfabetização construtivista. Constatando que a gestão compartilhada na escola, a vivência da família no ambiente escolar e a aplicação teórica construtivista em sala são os parceiros para que o recurso do ciclo alfabetizador aconteça com sucesso.

Para atender o proposto, este trabalho está estruturado em quatro seções da seguinte forma: a primeira seção compreende esta introdução, na segunda seção apresentam-se os fundamentos teóricos epistemológicos do construtivismo, seu contexto e surgimento, os estudos do desenvolvimento da criança segundo Piaget, e os métodos de alfabetização proposta por meio dos estudos da psicogênese da língua escrita com seus níveis alfabéticos e a alfabetização construtivista e suas práticas pedagógicas.

Na terceira seção esboça-se o aparato metodológico, expondo os métodos de pesquisa, quais sejam pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, esta última realizada em uma escola pública municipal, localizada na zona urbana do município de Alto Paraíso, envolvendo professores pais e alunos de uma turma do terceiro ano do ensino fundamental.

Na quarta seção é realizada a análise e as discussões empreendendo dados teóricos e empíricos a fim de responder o seguinte questionamento: Como acontece a alfabetização em uma perspectiva construtivista? Onde trazemos as respostas dos sujeitos analisadas pela ótica do método construtivista.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS EPISTEMOLÓGICOS DO CONSTRUTIVISMO

Traçar um quadro sobre os processos de alfabetização na perspectiva construtivista e como acontece o ensino aprendizagem ligado à alfabetização e o letramento não é uma tarefa simples, as mudanças que estão ocorrendo e as exigências consistem em que o ambiente de aprendizagem, permita a cada dia mais

que as transformações educacionais das últimas décadas especialmente as ligadas aos paradigmas educacionais dos métodos de alfabetização sejam vistos e revistos constantemente para que o desenvolvimento cognitivo pedagógico da criança seja associado ao processo teórico da pedagogia e psicologia como parceiros da alfabetização.

O construtivismo é uma teoria epistemológica de Jean Piaget, como se pode observar nas reflexões de Macedo (1994, p. 14, 19, 36):

O construtivismo valoriza as ações, enquanto operações do sujeito cognoscente. [...] No construtivismo o conhecimento é concebido como um tornar-se antes de um ser, o construtivismo é produto de uma ação espontânea ou apenas desencadeada, mas nunca induzida [...] Ser construtivista não é fazer uma única vez, mas sim, praticá-la, exercitá-la; mas com sentido de pesquisa, de descoberta, de invenção, de construção. Exercitar com o desafio de fazer melhor, de superar a si mesmo.

De modo a poder-se diferenciá-lo de uma teoria psicológica e, principalmente, de uma teoria pedagógica. É de suma importância que se afirme isto, é uma forma de explicar a realidade da produção de conhecimento na alfabetização, usando a incorporação das estruturas do sujeito, que já estão em seu cognitivo, com a assimilação de um aprendizado futuro utilizando o objeto e as acomodações serão sucessivas as exigências de um aprendiz. Portanto conforme (FERREIRO, 2010, p. 19) —se a escrita é concebida como um sistema de representação, sua aprendizagem se converte na apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou seja, em uma aprendizagem conceitual.

Portanto neste contexto, busca-se analisar o aprendizado da criança, como acontece esse processo na vivência escolar cotidiana, as ações do professor como mediador, e o compreender desta construção de ensino aprendizagem, que tem o foco bem definido que é desenvolver a leitura e a escrita.

A partir das superações de que a alfabetização é somente codificar e decodificar, a concepção construtivista se amplia quanto à tomada de consciência de que, alfabetizar corresponde a uma compreensão. Ferreiro (2010, p. 13) explica que —[...] a alfabetização inicial é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estado de maturidade ou de prontidão da criança, ainda a teoria construtivista afirma que passamos por vários estágios e cada um deles com sua especificidade cognitiva. Conforme Teberosky (2011, p. 23) explica, —os estudos da

linguagem infantil mostram que, inicialmente, a criança considera a palavra como parte do objeto e não como signoll.

Goulart (2008) descreve como a teoria do desenvolvimento construtivista acontece. Inicia-se desde o nascimento até a idade adulta, as funções cognitivas como a linguagem, memória e percepção, são ligações de inteligência e lógica. O método de alfabetização construtivista desenvolve nas crianças que estão no processo de alfabetização novos conhecimentos acerca dos diversos assuntos de sua realidade.

Para o desenvolvimento da aprendizagem construtivista, Munari (2010), afirma que é necessário que aconteça uma maturação, onde a assimilação de conhecimento e reorganização interna pode ser mais ou menos complexa, tendo diferença de criança para criança e pode também atribuída a outros fatores cognitivos, afetivos e sociais, que Piaget sintetizou como assimilação, acomodação e equilíbrio.

Munari (2010) a teoria construtivista e seu método exigem que o professor use o fator da capacidade que a criança já possui, para melhor aplicar as teorias do currículo proposto. As competências que são propostas pelo método construtivista provoca uma mudança de pensamento e respeita o tempo de análise que a criança que se está alfabetizando precisa para a assimilação e ligação do que conhecia anteriormente e dos novos conteúdos.

Goulart (2008) descreve a preocupação da Epistemologia Genética é de explicar a sucessão e a ordem de como as díspares capacidades cognitivas se estabelecem. O acontecimento da formação de aptidão cognitiva acontece em períodos sucessivos provenientes, principalmente, de como as capacidades que vão sendo adquiridas pelo sujeito durante toda a sua vida, levam em conta outras experiências que lhes são anteriores para formar uma posterior, usando a teoria construtivista na alfabetização.

Ferreiro (2011) e Teberosky (2004) em que o método de alfabetização construtivista prioriza o desenvolver dos conhecimentos. E que não acontecem de forma linear e sim com pulos e rupturas diferentes de uma criança para outra, que desencadeia um desenvolvimento por estágios, que se constrói conforme as acomodações estão sendo assimilados, estes estágios representam exatamente, uma lógica das estruturas mentais sendo superada radicalmente a cada nova

informação para um estágio superior formando uma lógica do conhecimento atualizada.

Seguindo o método construtivista —ler e escrever passa por um processo cognitivoll (TEBEROSKY, 2004, p. 46) os professores organizam o dia a dia da sala de aula, preveem as experiências e definem a ordem de como a rotina de aprendizagem se desenvolvera as ações a serem seguidas assim como teorias e produções. Para que ganhem forma e sejam definidas epistemologicamente por cada criança que não mais venha esquecer, mesmo que este processo esteja acontecendo inconscientemente.

Goulart (2008) a prática pedagógica da teoria construtivista, não atribui ao professor a transmissão pura e meramente de conteúdo, entretanto, é sim uma pratica pedagógica que faz experimentação, investigação, uma significação de sentidos e aperfeiçoamentos para o aluno, partindo do que ele já conhece e valoriza, construindo assim um conhecimento sujeito-objeto de estudo.

Munari (2010) a teoria construtivista enfatiza o papel da escola com o desenvolver do aprendizado na pratica, construindo conhecimentos já que o papel da escola na teoria construtivista é o de retirar a criança do seu estado atual e proporcionar a ela a construção do conhecimento epistemológico, acompanhando a união da psicologia e da pedagogia que são de interesse fundamental da criança no seu desenvolvimento prático.

A epistemologia do construtivismo deixa bem claro aos professores que utilizam este método a necessidade da unção da teoria e da pratica, pedagogicamente este esforço em unir ambas as direções, não deve confundir a aplicação e sim integra-las a grade curricular como um conjunto de tarefas pedagógicas a serem seguidas são passos necessários e que fazem parte da construção do conhecimento. (MUNARI, 2010)

Ferreiro (2011), consideramos, então que a postura do professor da teoria construtivista além das técnicas pedagógica, seja um investigador comprometido com a perspectiva, o estudo e o aprofundamento sobre a alfabetização, estimulando o contexto educacional, sendo o letramento e a alfabetização o foco ligado ambos ao social e a metodologia dos procedimentos teóricos e práticos da pesquisa e abordem cada vez mais as concepções e temáticas adotadas.

2.1 O CONTEXTO DO SURGIMENTO DO CONSTRUTIVISMO

Os métodos de alfabetização escolar é um tema que está em questão e desperta interesse nos estudantes e profissionais da educação. Os métodos utilizados em sala de aula são motivos de discussões durante as últimas décadas por terem ligação direta com a leitura e escrita então adotar uma metodologia seja ela tradicional ou construtivista impõe ao professor mudança teórico metodológica e a necessidade de um embasamento como referência.

Para Munari (2010), em suas pesquisas Piaget, teve como foco não a pedagogia em si, mas —como tem origem e como evolui o conhecimento na criança— por isto o sistema piagetiano recebe denominações diferenciadas como: estruturalista, interacionista, epistemológico genético, cognitivista, construtivista dialético, sendo que todas as denominações não perdem o enfoco do estudo.

Sendo biólogo Jean Piaget, também realizava estudos envolvendo outras áreas de pesquisa como a Psicanálise, Física, Matemática, Sociologia, Psicologia, Filosofia e Lógica, a partir de 1950 começaram a serem publicados seus estudos sobre Epistemologia Genética, todos os estudos científicos foram publicados em 30 volumes, e despertou o interesse de estudiosos de todo o mundo que Piaget recebia na Fundação Rockefeller e aprimorava e desenvolvia suas pesquisas.

Os testes de inteligência aplicados por Piaget eram bem definidos, pois buscavam a lógica da criança, e se apontava nos erros cometidos já que eles significavam novas estruturas mentais sendo aprimoradas, se inspirava nos métodos clínicos dos psicanalistas adaptando então a partir destes testes o método clínico casuístico e individual procurando a lógica na criança com análise utilizando cientificamente a reação de usar ou não a fala.

Associado a pesquisa também estava à afetividade da criança, as ideias de espontaneidade em reações diversas e o desenvolver da moral que formulam uma visão de mundo, assim a criança desenvolve a linguagem e a diferenciação de julgamento tanto moral como físico e espontaneamente cria a sua própria lógica e ética.

Goulart (2008) enfatiza, sobre nos estudos de Piaget, as funções de representação da inteligência e desenvolvimento bem como a criança apreendem os conceitos de ordem, número, espaço e tempo foram hipóteses levantadas e experiências para responder cientificamente como acontece o aprendizado nas estruturas mentais em cada faixa etária entendendo assim como nasce a inteligência e como ocorre apropriação dos símbolos e a constituição do real.

De 1940 a 1955 Piaget mudou o foco de sua pesquisa para a operação lógica concreta e abstrata, Pádua (2009), crítica o método clínico para medir a metódica discussão da consolidação do sujeito em sua defesa de ideias para capturar sua agilidade de lógica funda que tem uma variante de pessoa para pessoa, diferenciando assim o método experimental do método dedutivo.

Como acontece o desenvolvimento da noção de tempo, movimento e de velocidade na criança e a ideia de acaso na formação, constituíram a concepção de geometria e de mundo, estes conceitos largamente estudados por Piaget para chegar a uma conclusão sobre as operações lógicas concretas ou abstratas fazendo então uma ligação entre as do conhecimento prévio e as estruturas cognitivas da criança.

Portanto, nas pesquisas executadas sobre a epistemologia genética, para Piaget, as estruturas mentais das crianças e adolescentes em desenvolvimento serão sempre simples para poder desenvolver uma estrutura mental mais complexa marcando o cognitivo como a porta aberta para fazer as ligações em desenvolvimento que abarquem desde a afetividade como a percepção, a linguagem e o pensamento e então compreender os estímulos exteriores e converte-los em ligações internas.

Então o pesquisador Jean Piaget (1950), conforme, Goulart (2010, p. 10), em suas inúmeras pesquisas apontou que a criança constrói o seu modelo de mundo conforme vai se desenvolvendo e se aprimorando cognitivamente e internamente formando dentro de si uma estrutura mental em ampliação contínua, obedecendo ao mundo exterior nas informações que dele recebe compondo com isso a sua própria ação.

Atualmente, pode-se afirmar, com relação aos métodos de alfabetização, que as propostas pedagógicas curriculares atuais, assumem como um ponto de

partida e de chegada do processo de alfabetização escolar, que a cada reunião para ser elaborado o projeto político pedagógico se questiona este ou aquele método.

Seguindo o que nos diz Goulart (2008, p. 18):

O construtivismo piagetiano tem sido denominado construtivismo dialético, a ideia de dialética significa movimento, mudança, caracteriza-se geralmente pela enunciação de afirmação seguida de negação e depois por uma colocação nova, que resulta da conciliação das posições anteriores, no processo de construção ativa do conhecimento pela pessoa, o caráter dialético explica a relação sujeito-objeto, que na perspectiva piagetiano, constitui uma relação de interdependência, na qual o sujeito constrói seu objeto e este, por sua vez, interfere na constituição do sujeito.

As atuais propostas caracterizam um relacionar-se em que a compreensão de que alfabetizar depende de diversas áreas de contribuição e de conhecimentos, pois a união multideterminada fará o desenvolver e a base de entender como estes métodos estão sendo aplicados no dia a dia.

Procuramos ampliar os aspectos teóricos relacionados aos métodos de ensino-aprendizagem em alfabetização, fundamentados na compreensão de alfabetização construtivista tendo como referência os estudos concretizados por Emília Ferreiro (2011) e Ana Teberosky (2004) que foram grandes estudiosas da alfabetização e letramento na área educacional e seus estudos são referencia nas mudanças que ocorrem diariamente nas escolas.

Piaget (1950) como estudioso deu ênfase à evolução do conhecimento criando teorias, perguntas e respostas sendo que não diferenciou crianças de classes sociais ou com diagnósticos de superdotados ou comuns, ao contrário aplicou suas pesquisas como um todo ai surgiu o construtivismo sua contribuição e sua aplicação escolar ou psicopedagógico estão a critério de cada profissional e instituição responsável por alfabetizar.

2.2 DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA SEGUNDO OS ESTUDOS DE PIAGET

Goulart (2010) afirma que o enfoque construtivista considera que a educação deve partir do conhecimento anterior que a criança possui, então pode ser considerada uma realidade pedagógica, onde a ação de valorizar as experiências anteriores visa um educar em sentido amplo, que incentiva a criança em fazer o uso

correto das letras e símbolos para fazer a ligação cognitiva com o seu vivenciar social.

As pesquisas descritas por Goulart (2010, p. 12), se desenvolveram em três momentos diferentes de 1921-1930 Piaget estudou no primeiro e avaliou a observação dos próprios filhos, auxiliado por sua esposa, neste estudo a sua atenção era volvida para o pensamento e a linguagem e a íntima afinidade desses dois processos.

Goulart (2010) afirma que partir de 1932 os estudos piagetiano estabeleceram o mais finalizado de seus modelos psicogenéticos, estudava ao mesmo tempo, o julgamento moral e o desenvolvimento cognitivo, também a linguagem, analisando assim como acontecia este fator social e cognitivo, sendo que as regras impostas pela sociedade e a capacidade cognitiva do indivíduo formavam os conceitos abstratos e desenvolviam o padrão linguístico de expressão como sentimentos de moral de ideias e regras a serem seguidas cognitivamente.

Segundo Goulart (2008), Piaget em 1940 dedicou-se a estudar seu terceiro padrão psicogenético, a cognição no desenvolvimento do conhecimento juntamente com os estudos de epistemologia genéticos correlacionados a lógica a organização e a realidade, formando na criança o seu conceito de mundo do eu interior e da realidade e suas etapas de desenvolvimento nos esquemas e nas estruturas cognitivas.

A formação em biologia era também fortemente sentida nos estudos de Piaget (1918), sobretudo nos termos utilizados para comentar o procedimento psicológico de suas pesquisas que explicam assimilação, acomodação e adaptação frisando que os movimentos, sentimentos ou pensamentos fazem parte de uma necessidade de manutenção do equilíbrio, e de novas adaptações da estrutura mental das crianças.

Portanto, a teoria que se efetivou com base nas experiências e estudos de Jean Piaget (1940), cujo objetivo era explicar como o homem atinge o conhecimento, sendo ele um biólogo preocupado especialmente com a epistemologia do conhecimento e como isso ocorre nos homens estudou este desenvolvimento e os explicou por fases descritas por Pádua (2009):

- Sensório-motor (0 – 2 anos);

O estágio sensório-motor é o período da "inteligência prática" porque é uma fase do desenvolvimento cognitivo onde a criança não usa a linguagem, emprega apenas as suas ações e percepções, daí a razão da denominação desse primeiro estágio, pois é a ação e a percepção que estimulam o desenvolvimento das estruturas mentais. Um bebê com 5 ou 6 meses de idade, "não apresenta nenhuma conduta de busca de objeto que desaparece de seu campo visual". Com esse tempo de vida a criança ainda não construiu a ideia de "objeto permanente", ou seja, ela ainda não atribuiu a noção de existência aos objetos que não estão no seu campo perceptivo. (PÁDUA, 2009, p.28)

- Pré-operatório (2 – 7 anos);

Piaget denominou de Pré-operatório porque significa que a criança utiliza a representação, mas ela tem todo um trabalho de assimilação, acomodação e equilíbrio de organizar essas representações num todo. E estas operações significam exatamente a capacidade de organizar esse mundo das representações de forma coerente e estável, embora ela ainda não seja capaz de reverter essas operações; a reversibilidade só acontecerá nos próximos estágios. (PÁDUA, 2009, p.30)

- Operatório-concreto (7 – 12 anos);

Com o termo operação, ele tem em mente a ação do sujeito. Se nos níveis sensório motores, ação significava manipular o mundo, trabalhar o mundo e agir sobre o mundo; se no pensamento pré-operatório esta ação passou a ser interiorizada, ou uma ação por representação; com o advento do pensamento operatório a criança adquire a habilidade de pensar uma ação e reverter esse pensamento. Em outras palavras, operação é uma ação interiorizada reversível e coordenada. (PÁDUA, 2009, p.31)

- Operatório Lógico-Formal (12 – 16 anos);

Por volta dos 11 - 12 anos de idade, a criança chega ao mundo das operações formais. O raciocínio hipotético-dedutivo torna-se possível, e, com ele, a constituição de uma lógica 'formal' quer dizer, aplicável a qualquer conteúdo. E quanto à interiorização e exteriorização de conhecimentos Piaget, sustenta que esse duplo movimento "iniciado com o nascimento acaba por assegurar essa harmonia paradoxal entre um pensamento que se liberta, enfim, da ação material e de um universo que engloba esta última, mas a supera de todas as formas. (PÁDUA, 2009, p.32)

Como Munari (2010), explica que Piaget (1965), então delineou assim a aprendizagem, de uma maneira que tem uma abordagem distinta do que normalmente se confere à esta palavra. Piaget separa o procedimento cognitivo argucioso em duas palavras: aprendizagem e desenvolvimento, sendo que a aprendizagem mencionar à obtenção de um retorno privado, aprendido em ambiente de experimento. Enquanto que o desenvolver-se seria uma aprendizagem de ocorrência, sendo o agente para a formação dos conhecimentos.

2.3 OS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

A construção do conhecimento segundo Ferreiro (2010) exige uma organização de métodos de trabalho pedagógico, que foram surgindo conforme a história da educação e se modificando. A alfabetização é apontada como a primeira a desenvolver estes métodos, é utilizada atualmente o método tradicional que congrega o método sintético e analítico, e o método construtivista.

No método tradicional, o professor é o centro e o detentor do conhecimento enquanto o aluno deve segui-lo à risca e não questionar, pois está sendo constantemente vigiado em seu aprendizado, sendo o professor responsável por aplicar a matéria os exercícios e fazer a correção, as aulas deve ser ministrada em salas e com ordem de carteiras em filas e os alunos maiores no fundo e menores na frente, o professor que trabalha no método tradicional não retorna a matéria que as crianças tenham dúvidas, as aulas seguem um parâmetro mecânico, só pra frente, só o professor é detentor do saber. (SAVIANI, 2008)

Saviani (2008, p. 6) afirma que —a escola surge como um antídoto, centrada no professorll então o aluno no método tradicional, aprende repetindo, usando a memória para decorar como lhe é exigida, se não consegue —aprender decorandoll se torna uma criança desmotivada e geralmente taxada de desinteressada. Neste método o conteúdo é dividido por partes, primeiro aprende (ou decora) as vogais, depois as consoantes, às sílabas só então as palavras e frases. A ortografia tem uma atenção especial, de todas as crianças que são alfabetizadas neste método a exigência de letra bonita sem se preocupar com o sentido que tem a frase ou o texto que a criança está construindo.

O método analítico tem como princípio as palavras, frases e textos, para as crianças que por uma análise de seu interesse, formam uma estrutura cognitiva desta palavra e a ligam espontaneamente a outros elementos. No método analítico o processo de aprendizagem e leitura também é do tipo sincrético global e visual partindo do concreto ao abstrato.

O método analítico não se centraliza no professor, mas sim na criança e seu processo de aprendizagem, tanto motivacional como espontâneo e vai dando ênfase a palavras que foram memorizadas anteriormente, a criança tendo uma composição

já previa de tempo e espaço analisa e faz o processo de aprendizagem direto e espontaneamente.

Deste modo esse método prioriza o visual, o emprego de palavras e frases concretas que provem de ações que possam ser executadas, com muita repetição que provoca a memorização da criança, dando a contribuição pedagógica de ensino escrita e leitura como ajuste natural, do que a criança está criando em alfabetização deixando-a satisfeita com seus motivos e emoções de aprender, Conforme Saviani (2008, p. 8) —uma pedagogia que advoga um tratamento diferencial a partir da descoberta das diferenças individuais

A educação segundo (TABEROSKY; GALLART, 2004), o método construtivista leva em consideração a bagagem de conhecimento que a criança já tem, suas ideias e pressuposições sobre as palavras dando valor ao que a criança já conhece acerca da escrita por estar em convívio social do mundo letrado, valorizando assim a capacidade de aprendizado, já que o professor é um facilitador que auxilia a criança ao conhecimento de pesquisa e de assimilar o novo, incluindo as novidades da alfabetização.

As crianças que são alfabetizadas no método construtivista são estimuladas a observar usando sua capacidade de análise, formulam hipóteses conforme a abordagem da ação e com isso aprendem e fazem a assimilação e acomodação com a língua escrita, cada criança usando a sua estratégia que pode ser diferente de um pro outro levanta os indícios de como as palavras se interligam e se complementam. Para Pádua (2009), só então estas crianças entendem o significado efetivo da alfabetização, entendendo o seu próprio processo de descoberta, sendo então o método construtivista a aplicação de uma técnica científica de descoberta pessoal.

Consequentemente, para Munari (2010), o uso do método construtivista pode ser considerado uma didática de estratégia da alfabetização que ensina os alunos a luz da teoria de Piaget com atividades espontâneas, direcionadas que despertam a curiosidade para a ciência da educação. A compreensão da base alfabética com o professor mediador que permita atividades de lógica e de construção da escrita que está no mundo da criança e que a cerca sendo este aprendizado do seu interesse.

Piaget efetivou com a teoria construtivista o seu principal objetivo explicar a formato pela qual o homem alcança o conhecimento, e que o diferencia das outras espécies vivas. A teoria construtivista é basicamente epistemológica com definição bem clara de entender e explicar como ocorre a inteligência e se desenvolve o conhecimento seja ele contínuo ou por etapas (estágios).

Portanto, Goulart (2010), afirma que, o método construtivista de alfabetização corresponde ao conhecimento que é resultado das ações e dos intercâmbios do sujeito com o objeto de seu conhecimento, seja este da vivência física, ou da vivência psíquica. Enfatizando que vai sendo construída e organizada desde a infância e dura enquanto o indivíduo tenha capacidade cognitiva ativa.

2.4 A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA.

A ligação entre a teoria, prática, estímulo, dúvida e ao raciocínio, descrito por Pádua (2009), e explicado por Piaget (1955), em seus estudos sobre a Epistemologia Genética sua preocupação em explicar as díspares capacidades cognitivas, e como acontece o conhecimento e seus diferentes períodos na vida tanto educacional como social, e como são adquiridos cognitivamente levou Piaget (1955) a pesquisar em três etapas esta postura de formação.

Piaget, em sua psicogênese definiu em estágios o desenvolvimento humano, em primeiro no âmbito da motricidade, no segundo na atividade representativa, no terceiro no estágio do pensamento operatório ligado ao concreto e no quarto no pensamento operatório ao abstrato formal, assim Piaget formou os estágios sensório motor, pré-operatório, operatório concreto, operatório formal.

No desenvolver da alfabetização e da organização Teberoski (2011), acontecem às interações desenvolvendo a inteligência cognitiva da criança que se expõe a uma organização de novas informações que se acumulam e reorganizam com a troca diária de convivência tanto escolar de ensino aprendizagem como de convivência social dando possibilidades de assimilação e desenvolvimento da própria inteligência e absorção das mudanças que ocorrem a sua volta.

Goulart (2010, p. 11) afirma que Piaget (1921), explica este desenvolvimento como interação e equilíbrio de novas informações, assimilação de novas ações

para internalizar este novo objeto ou informação e acomodação que neste caso altera as estruturas cognitivas já existentes formando e compreendendo assim em um novo esquema de organização mental.

Esta relação cognitiva entre sujeito e objeto por meio de esquema de ação de um novo conceito recebido por uma nova teoria desperta para um processo de assimilação que modifica a cada momento o que se conhece modificando os níveis de equilíbrio e acomodação, ou seja, os níveis de tranquilidade de conhecimento que o sujeito tem se alteram com as características cognitivas que vão se formando a cada nova exposição ao diferente apresentado.

O equilíbrio interno desenvolve no sujeito novas competências destacando a capacidade de aprendizagem e desenvolvimento se dá em função de fatores cognitivos, emocionais, sociais que interpretam o mundo e o assimilam provocando um equilíbrio e uma maturação interna, incorporando ao interpretar, e assim formando a passagem do sujeito para um estágio mais elevado do que se encontrava vinculada anteriormente.

A alfabetização ligada à psicogênese da língua escrita, então, podemos descrever segundo Piaget, como uma epistemologia genética que impõe equilíbrio-desequilíbrio - reequilíbrio formando assim uma assimilação cognitiva na criança que junto com os métodos de ensino aprendizagem desenvolvem e promovem as mudanças de sistema e de aquisição de técnicas para o deciframento do princípio de escrita alfabética transformando a criança em um sujeito capaz de fazer uma transcrição escrita do som que recebeu por estímulo a memorização.

A intervenção didática e dos métodos na psicogênese da língua escrita passa a acontecer por uma análise com divergências para só então acontecer uma aquisição de deciframento (codificação e decodificação) que segundo Ferreiro (2011) as crianças interpretam mesmo antes de ser alfabetizadas em seu convívio social, sendo que as letras e sílabas fazem parte de um todo, pois, isoladamente não tem sentido e não são assimiladas sem uma ligação real com a convivência da criança.

Considerando a escrita como um sistema notacional Ferreiro (2010), Teberosky (2004), observam que o aprendiz formula as respostas para suas próprias questões de ambientes diversos e com interesses distintos e empregam através do

letramento símbolos e palavras que representados por sílaba ou fonema concebem palavras e sons que demonstram de forma variável o impacto deste processo de alfabetização participativa, pesquisadora, de experimentação e promotora de raciocínio interpretativo do mundo.

As hipóteses formuladas na psicogênese da língua escrita ajudam as crianças a ler e escrever sozinhas atribuindo aos símbolos da escrita alfabética as próprias ideias com significados distintos, que tentam transmitir aos adultos responsáveis por lhes alfabetizar, nem sempre as crianças estabelecem uma relação entre a grafia da escrita e o significado da palavra, por estarem em uma transição de conhecimento e de ensino aprendizagem alterando as suas estruturas cognitivas.

Estes níveis da composição da linguagem escrita explicam as diferenças individuais e os diferentes ritmos dos alunos. Segundo Ferreiro (1986) são: nível pré-silábico, silábico, silábico- alfabético e alfabético.

Nível pré-silábico: não se procura relação com o som, às hipóteses das crianças são formadas em torno do tipo e da quantidade de grafismo. Neste nível a criança tenta fazer diferença entre a escrita e o desenho, usando no mínimo duas ou três letras para poder escrever as palavras. Reproduzindo os traços da escrita, como conhece a forma gráfica em letra palito ou cursiva, faz a escolha da que mais lhe é familiar, usando assim nas criações de suas hipóteses de escrita. —o escrito não está regulado por diferenças ou semelhanças entre os significantes sonoros|| (FERREIRO, 2010, p. 27)

Entende que é preciso variar os caracteres para conseguir palavras diferentes, não consegue estabelecer um vínculo entre a palavra falada e a escrita, acredita que a escrita é mais uma forma de desenhar e de fazer coisas diferentes por desenhos e garatuja e rabiscos, são interpretados como escrita. —o repertório de letras que se utiliza de uma escrita para outra, variar a posição das mesmas letras sem modificar a quantidade|| (FERREIRO, 2010, p. 27)

A criança demonstra que tem a finalidade de escrever fazendo traços lineares com formas diferentes, acreditando que está escrevendo o nome dos objetos, e não desenhando eles. As crianças neste nível creem que coisas grandes se escrevem com nomes grandes, e que coisas pequenas devem ter nomes pequenos, costuma usar as letras do próprio nome ou letras e números para escrever a mesma palavra.

Ferreiro (2010, p. 23) — as crianças dedicam um grande esforço intelectual na construção de formas de diferenciação entre as escritas, portanto a criança pode ou não conhecer os sons das letras, porque a criança nesta fase faz os registros diferentes mudando a posição e a quantidade dos caracteres, para se referir a palavras diferentes, distingue uma palavra pela letra inicial, tem leitura global, entende o que escreve sendo que só ela sabe o que significava aquela escrita, em sua hipótese entende que para escrever precisa usar de duas a mais grafias, quase sempre utilizando três, acredita que para algo ser lido precisa apresentar várias grafias com caracteres diferentes. Ainda está tentando entender o vínculo do som com a escrita.

Nível silábico: (FERREIRO, 2010, p. 27) — assim o período silábico, que evolui até chegar a uma exigência rigorosa: uma sílaba por letra, sem omitir sílabas e sem repetir letras, neste nível às crianças compreendem que a diferença na reprodução escrita está relacionada com o som das palavras, o que o induz a sentir a precisão de usar uma forma de grafia diferente para cada som. A criança usa as formas gráficas de maneira aleatórias, utilizando apenas vogais ou consoantes ou até mesmo letras inventadas, e as repete de acordo com o que acha que a palavra contém.

A criança começa a assimilar que existe uma ligação entre a pronúncia da palavra e a escrita. Também neste nível a criança desvincula a escrita das imagens e diferencia os números das letras, começa a demonstrar estabilidade ao escrever seu nome e as palavras que tem interesse de aprender e gravar, o que demonstra um equilíbrio que independe da estruturação do sistema de escrita. A criança mantém as hipóteses da quantidade mínima de letras para escrever as palavras mantendo assim a variedade de caracteres, supondo que as palavras podem ser escritas com uma ou duas letras, e ao ler o que escreveu podem sobrar letras no meio das palavras, ainda não consegue organizar as palavras escritas de maneira diferente e nem sabe como organizar as letras nas palavras. Conforme nos descreveu (FERREIRO, 2010).

Silábico-alfabética: as crianças começam a entender a correspondência que faz os sons, as formas silábicas e as alfabéticas, e que todas elas convivem entre si e dependem uma da outra. A criança pode escolher as letras ou a forma ortográfica ou a fonética, assim supõe-se que a criança começa a superar a hipótese

silábica. A criança começa a compreender que a escrita representa o som da fala, começa a combinar só vogais ou só consoantes, desenvolve escritas equivalentes para palavras diferentes. Começa-se a conciliar hipótese silábica com hipótese de caracteres, vogais e consoantes em uma mesma palavra, na tentativa de combinar sons, mesmo que sua escrita ainda não seja socializável. A criança começa a fazer uma leitura termo a termo, já supõe que a escrita representa a fala. A criança assimila que e tenta cada vez mais fonetizar a escrita e dar valor sonoro as letras, já entende que a menor unidade da língua é a sílaba. Supõe que na escrita deve usar tantas letras quantas vezes forem usadas na pronúncia, ou seja, cada sílaba oral corresponde uma letra ou um sinal, entende que para escrever frases pode escrever uma letra ou mais para cada palavra exemplo gato, escreve AO e entende o que escreveu. —sobre o eixo quantitativo, isto se exprime na descoberta de que a quantidade de letras com que se vai escrever uma palavra pode ter correspondência com a quantidade de partes que se reconhece na emissão oral (FERREIRO, 2010, p. 27)

Nível alfabético: ao alcançar o nível alfabético a criança entende que a sílaba não pode ser considerada uma unidade e que ela pode ser separada em unidades menores e que conhecer o som não é a garantia que seja aquela determinada letra, o que gera as dificuldades ortográficas, supondo assim que para escrever devemos fazer antes uma análise fonética da palavra. Entende que a escrita tem uma função social que é a comunicação sendo alfabético compreende e passa a entender como se faz a construção do código da escrita, entende que cada um dos caracteres da escrita obedece a valores menores que a sílaba. A criança nesta fase conhece o valor sonoro de todas as letras ou de quase todas, pode ainda ter certa dificuldade em separar todas as palavras nas frases. A criança pode não incluir determinadas letras quando tenta misturar hipótese alfabética e silábica, a criança já não tem problemas de escrita no que se refere aos conceitos, neste momento a criança não é nem ortográfica nem léxica.

O processo de construção da leitura e escrita é explicado por Ferreiro (2010, p. 55):

A tão famosa correspondência fonema- grafema deixa de ser simples quando se passa a analisar a complexidade do sistema alfabético, não é surpreendente, portanto, que sua aprendizagem suponha um grande esforço por parte das crianças, além de um grande período de tempo e muitas dificuldades.

Ferreiro (2011) afirma que então nestas características e níveis no desafio do processo de alfabetização as crianças organizam suposições a respeito dos procedimentos de construção da leitura e escrita, tendo por base a sua própria compreensão deste processo. A mudança para outro nível somente ocorre, quando no que a criança se encontra não puder explicar a questão que se está tentando entender, levando então a criança, a elaborar uma nova suposição, e novas questões vão sendo levantadas sucessivamente, pode-se concluir então que a mudança de nível é um processo de idas e vindas e que a assimilação dos conceitos é gradativa conforme a acomodação e entendimento de cada criança.

Sendo assim a epistemologia genética segundo Goulart (2010), responde, como acontecem os processos de aquisição de conhecimento pelo homem desde que nasce até adulto, criando possibilidades de produção cognitiva e de novos conhecimentos sociais e culturais.

2.5 CONSTRUTIVISMO NA ALFABETIZAÇÃO E SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

A alfabetização como um instrumento para as crianças cada dia menores e mais independentes, com o uso da tecnologia, saber ler e escrever se determina como uma necessidade básica, a despeito disso Ferreiro (2011, p. 33,65) descreve:

No desenvolvimento da alfabetização devemos distinguir cuidadosamente entre o desenho de letras e a escrita [...] muito antes de serem capazes de ler, no sentido convencional do termo, as crianças tentam interpretar os diversos textos que encontram ao seu redor livros, embalagens comerciais, cartazes de rua, títulos, anúncios de televisão, histórias em quadrinhos, etc.

Ferreiro (2011) em relação a alfabetização, antes entendida somente como um processo de codificação e decodificação da língua escrita, era entendida não como uma prática social primordial, principalmente no interior aonde outros métodos eram desenvolvidos para realização de negócios entre as pessoas, as quais nem sempre a escrita e a leitura eram necessárias para os indivíduos. As mudanças ocorridas na vida social e sua repercussão no processo escolar de alfabetização instigam e objetiva esta investigação. As mudanças sociais que repercutem na dinâmica educativa principalmente a da alfabetização, é social, econômica e política, com diferenças acentuadas devido à facilidade tecnológica, que provoca as

diferenças de leitura, escrita, nos meios de se comunicar provocando um repensar de nova necessidade e mudanças condizentes com a atual realidade tecnológica.

Teberosky (2004) entende essa nova dinâmica que vem invadindo as escolas com aparelhos eletrônicos fazem parte para a alfabetização de um processo indissociável a esta etapa em desenvolvimento da nova demanda do setor educacional. A prática pedagógica então pautada no processo de alfabetização e construção do conhecimento, organizando propostas das quais essas crianças entendam e assimilem cada vez mais os modos de descobrir vivenciando e experimentando nas salas alfabetizadoras.

Teberosky (2004. p. 35) —alfabetização está influenciando nas vidas dessas famílias e as interações alfabetizadoras que se dão em seus ambientes culturais. Deve-se levar em consideração que este processo de mudanças no conjunto escolar e suas dificuldades de serem aplicados a prática, especialmente nas práticas sociais construtivistas, da alfabetização, deve-se consecutivamente pesquisar e analisar as obras estudadas e descritas no referencial teórico que são a base do desenvolver deste trabalho, chegando assim a resposta do problema averiguado.

O Brasil como toda a América Latina na década de 80 vivenciou um interesse pela alfabetização, com as mudanças sociais e as apresentações de estudos teóricos que descreviam as práticas pedagógicas inovadoras, destacaram-se neste contexto histórico as autoras Ferreira (2011); Teberosky (2004), com suas pesquisas sobre o tema dando origem ao livro então divulgado no Brasil, sob o título —A Psicogênese da Língua Escrita seguindo os estudos já realizados por Jean Piaget, pesquisador da epistemologia do desenvolvimento da criança, Piaget buscava explicar a forma pela qual o homem chega ao conhecimento. Ferreira e Teberosky sobrepuseram a teoria no campo da educação procurando entender como acontecia na prática o processo que construía o aprendizado da leitura e da escrita, principalmente na alfabetização. (GOULART, 2010)

A alfabetização com este novo contexto enfrenta mudanças radicais, com estudos e debates sobre o tema, depois de ser a alfabetização alvo destes destaques, os educadores se preocupam em que a prática pedagógica obtenha cada vez mais destaques positivos dando a escrita e a leitura uma responsabilidade de prática social, em destaque e com base em cada andamento mais científica

comprovada. No letramento associado a alfabetização Ferreiro (2010, p. 11) afirma que:

Essa criança se coloca problemas, constrói sistemas interpretativos, pensa raciocina e inventa, buscando compreender este objeto social particularmente complexo que é a escrita, tal como ela existe em sociedade, a educação em especial a alfabetização, já recebe estas crianças com um contexto social e histórico de demanda crescente que evidencia a alfabetização como um conceito de evolução permanente e em cada etapa mais construtivista usando a competência da tecnologia com as habilidades de ler e escrever com diferentes objetivos.

As mudanças que envolvem a postura do professor e de toda comunidade escolar, e não escolar com as diferenças em relação ao ensino aprendizagem, em especial as turmas do ciclo de alfabetização, depara-se com muitas dificuldades, com a ocorrência de mudanças rápidas na sociedade e culturalmente em relação ao ensino, muitas vezes os pais por não compreenderem o método aplicado questionam a forma de alfabetização de seus filhos, e até mesmo a formação do professor que está em sala, acreditando que o modelo ao qual foram alfabetizados obtinha maior resultado e em menor tempo, levantando no profissional o exercício de diferentes papéis evitando conflito informando as bases teóricas que conforme Ferreiro (2010, p. 13) — a alfabetização inicial é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estado de maturidade ou prontidão da criança.

Sendo assim alfabetizar com uma perspectiva construtivista impõe uma prática pedagógica que instiga e respeita habilidades de assimilação e acomodação, em que cada criança recebe e codifica seu próprio aprendizado.

Acredita-se que por estes motivos culturais atualmente em nossas escolas ainda existem muitos professores alfabetizadores que estejam presos em cartilhas por acreditarem que a mudança não seria eficaz, quão intensamente os métodos aos quais já estão habituados e dos quais se tem a impressão que não sejam questionados, nem por pais nem pela comunidade e tampouco pelo corpo docente e gestores da escola, afinal todos os dias estas crianças são submetidas a decoração do alfabeto. Não entendendo que esta forma de alfabetizar seja descontextualizada, com um caráter falso, artificial, que não se assemelha em nenhuma forma ao da tecnologia e de escrita visual a que as crianças convivem todos os dias fora dos portões das escolas alfabetizadoras, como consequência metodológica que segundo Ferreiro (2010, p. 40):

Deixar entrar e sair para buscar informação extraescolar disponível, com todas as consequências disso, o professor não é mais o único que sabe ler e escrever, na sala de aula; todos podem ler e escrever, cada um ao seu nível; as crianças que ainda não estão alfabetizadas podem contribuir com proveito na própria alfabetização e na dos seus companheiros, quando a discussão a respeito da representação escrita da linguagem se torna prática escolar.

Entende-se, que alfabetizar com práticas pedagógicas construtivistas propõe modos de descobrir em conjunto com as crianças um método que constrói conhecimento como atividade humana que não para de se desenvolver e se aprimora conforme se expõe a livros, jornais, revistas anúncios tanto em televisão, internet, telefone como em informações postas nos meios de transporte, que nos orienta Ferreira (2011, p. 22) —o desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente sociall.

3 METODOLOGIA

Considerando que cada etapa faz parte de um aspecto que envolve o processo de ensino aprendizagem nas escolas, analisou-se na pesquisa (SEVERINO, 2007) uma turma do terceiro ano do ciclo de alfabetização do ensino fundamental tendo como base a teoria Siena (2007) sobre metodologia da pesquisa científica, para analisar como acontece esse processo de alfabetização no enfoque construtivista.

Ferreira (2011) os métodos como princípio norteador do currículo na prática docente melhoram a qualidade e as formas de trabalho tanto do professor como também do aluno dos anos iniciais do Ensino Fundamental, trabalhando a alfabetização como um todo na criança, tanto cognitiva como afetiva e social.

Para Ferreira (2010) identificar métodos que se adequem a realidade educacional continua sendo um desafio aos professores, que buscam as teorias com os problemas pedagógicos a serem resolvidos, e apesar do progresso as críticas constantes torna sempre os métodos motivo para reflexões e questionamentos.

Severino (2007) destaca que a pesquisa de metodologia do trabalho científico reforça ao professor o entender de como ocorrem às preocupações e mudanças sociais que envolvem a escola, e que na pesquisa, compõe subsídios para conjecturar a aplicação do método construtivista dando ênfase para que os

professores possam enfrentar os problemas referentes às dificuldades de alfabetização em Alto Paraíso – Rondônia.

Ferreiro (2010) enfocando principalmente os aspectos relacionados as visões teóricas sobre alfabetização e letramento. Entender como acontece a alfabetização em uma perspectiva construtivista, com a finalidade de abranger a importância dos métodos nas salas de aula, pois, estas salas são as responsáveis por delinear as primeiras letras e leituras das crianças que recebem.

A prática docente exige formação continuada, e mesmo assim os professores enfrentam todos os dias o questionamento de seu método, independente de qual seja ele. O professor como contribuindo para o sucesso da criança em sua vida escolar adota o método para subsidia-lo. Para Ferreiro (2010, p .41):

É preciso mudar os pontos por onde nós fazemos passar o eixo central das nossas discussões. Temos uma imagem empobrecida da língua escrita: é preciso reintroduzir, quando consideramos a alfabetização, a escrita como sistema de representação da linguagem. Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende: a reduzimos a um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão. que pega um instrumento para marcar e um aparelho fonador que emite sons. Atrás disso há um sujeito cognoscente, alguém que pensa, que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu

A prática pedagógica sendo aplicadas em ambas as esferas, tanto na área de pesquisa humana, quanto pedagógica, considera a pesquisa conforme, Severino (2007) como uma forma de abordar o problema e a primeira ligação para entender como acontece a alfabetização na perspectiva construtivista.

3.1 MÉTODOS DA PESQUISA E ESTUDO

Essa pesquisa trata-se de uma investigação aplicada, a despeito disso Severino (2007, p.100) afirma que —a ciência é sempre o enlace de uma malha teórica com dados empíricos, é sempre uma articulação do lógico com o real, do teórico com o empírico, do ideal com o real

Siena (2007, p 59) define —a pesquisa quantitativa, tipo muito utilizado em estudos descritivos, estudar o "que é" e descobrir as características de um fenômeno os processos de ensino aprendizagem na alfabetização e letramento na

perspectiva social construtivista na terceira série do ciclo do ensino fundamental, tendo como referência a escola da área urbana no município de Alto Paraíso, no estado de Rondônia.

Severino (2007, p. 123) define a pesquisa descritiva e explicativa como:

É aquela que, além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja através da aplicação do método experimental matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos.

Ainda nesta mesma linha foi descrito o problema com base nas obras dos autores citados no referencial teórico que escreveram sobre a teoria construtivista, das quais foram elaborados fichamentos conceituais conforme orientação.

Siena (2007) nos define os passos da pesquisa, com características gerais de estudo bibliográficas, levantamentos de dados, com objetivo geral, que no nosso caso investiga como acontece a alfabetização em uma perspectiva construtivista, estudo de campo e estudo de caso e análise.

3.1 PESQUISAS BIBLIOGRÁFICAS

Siena (2007) e Severino (2007) apontam que a pesquisa deve ser pautada em um estudo teórico, que se delineou nesta investigação de como acontece à alfabetização em uma perspectiva construtivista, a partir dos autores: Jean Piaget (2010), Iris Barbosa Goulart (2008), Emília Ferreiro (2010, 2011), Ana Teberosky (2004, 2011), Paulo Freire (2005), José Fonseca de Carvalho (2001), entre outros, que forneceu para análises e reflexões sobre alfabetização e a importância da mesma no processo do saber que norteia a teoria e a prática contextualizada do ensino.

Siena (2007) para o desenvolvimento deste trabalho foi utilizada a técnica de leitura e fichamento com o nome do autor, a editora, cidade, ano da publicação, conceito, definição e página, são os dados que dão suporte teórico aos leitores que investigarem alusões e referências do texto que foi feita análise temática, buscando compreender a mensagem da investigação, interpretação e estudo realizado.

Após a pesquisa bibliográfica e buscando uma visão panorâmica do construtivismo, de como acontece a alfabetização em uma perspectiva construtivista,

seguindo o raciocínio do autor usando os conceitos e assinalando com o vocabulário de pesquisa de campo, juntamente com as dúvidas apresentadas no levantamento de dados, e com a concepção dos termos fundamentais dos conceitos teóricos, formulando assim a compreensão da prática da alfabetização com a teoria construtivista.

A pesquisa bibliográfica compreendeu as seguintes fases: a seleção de documentos bibliográficos, tais como: livros, revistas, material eletrônico, obtidas via internet, formulando assim uma síntese crítica e reflexiva da temática estudada.

3.2 PESQUISA DE CAMPO

Siena (2007) a observação como parte importante da pesquisa, que se desenvolveu na escola Rogério da Silva Gonçalves, no município de Alto Paraíso, Rondônia, e como se trata de um pequeno município e todos se conhecem, também por ter realizado todos os meus estágios do curso de pedagogia nesta instituição, ao me apresentar como pesquisadora foi muito bem recebida por todos na escola.

Apresentando na sala dos professores o tema da minha pesquisa —Como acontece a alfabetização em uma perspectiva construtivista— todos os presentes, professores, orientadores, diretora e vice- diretora, cuidador de pátio e outros profissionais que estavam no momento teceram comentários da necessidade de se valorizar, pensar a respeito das mudanças que vem acontecendo na alfabetização com a grande abrangência da tecnologia, enfim todos receberam com entusiasmo a ideia

Siena (2007) Na segunda parte do desenvolvimento da verificação do problema é empírica, estudando a comunidade escolar, e obtendo dados da realidade, usando entrevistas com questionários sistemáticos dos fatos que acontecem em sala de aula, e nos sistemas educacional, onde se é trabalhado a alfabetização com perspectiva construtivista sendo eles os objetos de estudo.

Eleger pela elaboração de questionários mistos que permitam ao entrevistado marcar a sua opção e responder também por extenso acrescentando outras informações. Observando a sala de aula, e nesta observação o pesquisador não participou das decisões nem fez sugestões, apenas fez as anotações para

análise posterior, confrontando com a teoria já estudada para realização deste trabalho que tem em vista a explicar como acontece a alfabetização em uma perspectiva construtivista.

A partir do enfoque temático, as técnicas adicionadas para a pesquisa de campo incluem-se a observação direta, de entrevista e registros abrangendo a comunidade escolar, e a comunidade em geral, e por fim a aplicação da concepção construtivista, como prática pedagógica para a facilitação do processo de alfabetização e letramento dos alunos.

A coleta de dados realizou-se no 1º semestre de 2015 na Escola Municipal Rogério da Silva Gonçalves, localizada na área urbana do município de Alto Paraíso-Rondônia.

Na investigação do problema dessa pesquisa a comunidade em geral será objeto de estudo, também as professoras que trabalham nas salas de alfabetização dessa escola, sendo que a pesquisa visa entender como acontece a alfabetização na perspectiva construtivista que abrange as características socioculturais.

3.3 LÓCUS DA PESQUISA

Severino (2007) enfatiza que toda pesquisa tenha como ponto de partida uma área e um problema, e na investigação para identificar a alfabetização em uma perspectiva construtivista, pesquisamos como surgiu nosso município e nossa escola.

O município de Alto Paraíso surgiu como núcleo urbano de apoio rural (NUAR) do projeto de assentamento Marechal Dutra. Alto Paraíso nasceu a partir do projeto de colonização no início dos anos 80. Inicialmente, fazia parte do município de Ariquemes e sua emancipação política administrativa se deu através da Lei nº. 375 de 11 de fevereiro de 1992, publicado no Diário Oficial da União em 13 de fevereiro de 1992.

Os primeiros colonizadores da região subiram uma elevação e descobriram uma paisagem exuberante e indescritível que lhes dava a impressão de ser o paraíso prometido. Daí teria surgido o nome que denominava um paraíso existente num lugar alto. Sua população estimada em 2010 era de 17.144 habitantes.

É conhecida como a Capital do Jerico, devido ao número excessivo desse tipo de "veículo" na região. É um pequeno veículo de fabricação caseira, aproveitando o chassi de um carro desmontado e adaptando um motor estacionário, de 1 ou 2 pistões, dando muita força para carregar madeira, sacos de café e alimentos dos agricultores até a cidade. Anualmente ocorre a tradicional corrida dos "jericos".

As atividades econômicas que predominam são a produção de café, pecuária e a indústria madeireira e conta com aproximadamente 1000 km de estradas rurais. A cidade é ligada à BR 364 através da RO 459, encontrando-se à 56 km de Ariquemes e à 200 km de Porto Velho. No setor educacional do município está estruturado a partir da Secretaria Municipal de Educação – SEMED. Conta com 41 escolas multisseriadas 06 escolas pólos e 02 escolas estaduais; 01 biblioteca municipal a educação.

A escola Rogério da Silva Gonçalves é uma instituição Municipal de Ensino que está localizada na área urbana cito a rua Paulo VI nº 4600 Bairro Rota do Sol, Alto Paraíso/RO e recebeu este nome através do Decreto de Criação nº 374 de 04 de junho de 2001 pelo seguinte motivo: Rogério da Silva Gonçalves nasceu no dia 30/10/1981, em Ariquemes filho de Gasparino da Silva Gonçalves e Cláudia Maria da Silva Gonçalves. Aluno da antiga escola Ana Nery B (atual Escola Rogério) uma extensão da hoje conhecida Escola Municipal Aluísio Magalhães, antiga Ana Nery.

Aluno exemplar preocupado com sua vida escolar e com um futuro promissor. Cursou em nossa instituição a 5ª. 6ª e 7ª série do ensino fundamental incompleto, onde conquistou alunos e professores com seu carisma, faleceu no dia 05/10/1998 vítima de acidente com arma de fogo, uma tragédia que chocou a todos, por este motivo a antiga Ana Nery B após decreto de criação Lei Municipal nº 331 de 06 de novembro de 2.000 pelo antigo prefeito municipal Alcides Veríssimo Rigoto passando então a ser conhecido com o nome Rogério Gonçalves da Silva em Homenagem a este aluno, que se torna então o patrono da escola, somente em 2001 foi visto que a redação com o nome da escola estava errada e então o prefeito da época cria uma nova lei com o nº 374 de 04 de junho do corrente ano mudando a redação do nome de —Escola Rogério Gonçalves da Silvall para —Rogério da Silva GonçalvesII.

Durante vários anos este local de ensino ficou residente no prédio da igreja católica que era alugada ao governo municipal e atendia um número aproximadamente 600 alunos com faixa etária entre 06 e 16 anos no ensino regular e 100 alunos do sistema seriado EJA- Educação de jovens e implantado na época.

No ano de 2009 a referida escola mudou-se para o endereço acima citado e junto a esta mudança ocorreu um elevado número de matrículas, pois o espaço oferecido pela infraestrutura escolar não suportou esta nova clientela.

Sua capacidade de matrícula por turnos é de 40 alunos em cada sala. A estrutura oferecida é de 08 salas em alvenaria que comporta uma quantidade de 35 matriculados, resultando assim uma média de 251 alunos por turno, sendo que este número é variável, pois existem salas com o maior número de matrículas que outras. Nesse contexto nossa escola ainda precisa de melhorias de infraestrutura, pois a demanda junto à secretaria escolar a procura de novas vagas é constantes.

4 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Diante de um trabalho de investigação e em busca de uma resposta para o problema levantado, e em discussão, se faz necessário uma metodologia adequada para se fazer às análises dos resultados obtidos na pesquisa para então interpretalos utilizando a teoria estudada. E assim compreender os métodos de alfabetização com enfoque construtivista, apresentamos os resultados da pesquisa que foi realizada na comunidade geral e escolar, onde está localizada a escola em estudo e observação.

Expor-se-á abaixo as analise e discussões (SEVERINO, 2007) e (SIENA, 2007) com divisão em 5 (cinco) tópicos, o primeiro 4.1 descreve os dados dos professores colaboradores , o tópico 4.2 descreve a pesquisa elaborada com os pais, o tópico 4.3 fala sobre a entrevista com a professora alfabetizadora sobre os fatores determinantes da pesquisa, no tópico 4.4 traz a descrição da observação da prática pedagógica em sala de aula, o tópico 4.5 descreve as respostas dos alunos

4.1 DADOS DOS PROFESSORES COLABORADORES

O primeiro questionário a ser analisado foi o aplicado aos professores alfabetizadores da Escola Rogério da Silva Gonçalves, sendo os quatro professores, que serão identificados por —PAII; —PBII, —PCII, e —PDII. O questionário era composto de 5 questões, sendo 4 objetivas e 1 dissertativa.

A primeira questão tratou de identificar como as carteiras estavam disponibilizadas na sala de aula. Obtivemos as seguintes respostas conforme fala dos sujeitos abaixo apresentadas:

Círculo, carteiras, enfileiradas, grupos de estudos e outros. —PAII
Outros. —PBII
Outros. —PCII
Carteiras enfileiradas e grupos de estudos. —PDII

Ante os estudos realizados observou-se a atenção especial dada pelos professores, às carteiras em sala, nota-se que as crianças em círculo, grupos de estudo, dupla e outras maneiras desenvolvem as atividades com maior ênfase, pois tem mais facilidade de comunicação umas com as outras.

De acordo com o método construtivista, segundo Ferreiro, Teberosky, Goulart, entre outros, já não faz mais sentido as carteiras enfileiradas, sendo que as crianças fazem parte de uma troca de informações que já são prévias e de cunho social.

Nota-se então que as mudanças e movimentações de carteiras, cadeiras e mesas influenciam no aprendizado das crianças, elas não ficam presas ao convencional e sim fazem trocas de experiências importantes para se comportarem socialmente. (FERREIRO, 2010).

Observou-se que a sala de aula muda conforme a atividade às vezes em dupla, outras em círculo, e até mesmo enfileiradas, as atividades de sala dão uma ênfase especial a leitura e escrita com o cantinho da leitura, e o cantinho da matemática despertando nas crianças a curiosidade e a vontade de aprender mais, a professora também desenvolve a leitura com as famílias em um projeto de auxílio gerenciado pela coordenação pedagógica juntamente com as famílias.

Quanto à questão número 2 tratou de identificar quem define a metodologia utilizada em sala de aula, as respostas dos sujeitos foram analisadas a partir das respostas relacionadas identificando que todos responderam que são eles mesmos (professores) que definem a metodologia de trabalho de sala de aula.

Os ajustes do currículo conforme o diagnóstico de avaliação por criança, entendendo as dificuldades encontradas, como um desafio a ser vencido, e respeitando o tempo que cada criança tem para aprender, influencia a decisão de o professor no desenvolver da metodologia como sendo apropriada para mudanças radicais na alfabetização e letramento.

Ferreiro (2010) define o professor como principal instrumento, para a retransmissão do conhecimento científico, no construtivismo dando ênfase ao que a criança já conhece e usando os métodos para que o equilíbrio, desequilíbrio e reequilíbrio estudados por Piaget sejam os precursores da aprendizagem e da decisão de como o currículo será aplicado em sala de aula.

Portanto, o método de como aplicar em sala os conteúdos de alfabetização organiza as propostas, instiga as crianças as novas descobertas em leitura e escrita, propõe novas maneiras de comportamento com os colegas, com experimentação de maneiras novas e desvendando do mundo letrado que está a sua volta.

O terceiro ponto pesquisado com os professores investigou-se como acontece no diagnóstico bimestralmente (do professor) e quais as estratégias que são utilizadas para avaliação de resultados

Utiliza os resultados para avaliar o método empregado. **“PA”**

Elabora novas estratégias, utiliza os resultados para avaliar o método empregado. **“PB”**

Utiliza os resultados para avaliar o método empregado —**PCII**

Retoma o planejamento, utiliza os resultados para avaliar o método empregado. **“PD”**

A retomada de estratégias, e a reavaliação dos resultados dos métodos, é o principal diferencial que o professor tem para determinar o caminho que a alfabetização e o letramento tiveram no aprendizado das crianças bimestralmente como prática pedagógica, rever com flexibilidade o aprendizado e desenvolvimento da turma segue a critério de cada professor.

Ferreiro e Teberosky relatam a influência que o método de avaliação de diagnóstico exerce no aprendizado da criança, como sendo a principal porta de entrada, para a continuidade da vida escolar do aluno.

Rever os conteúdos aplicados com diagnóstico bimestral de como cada criança aprendeu para Ferreiro não significa descaracterizá-la como mais ou menos inteligente, mas sim rever a maneira que está criança segue criando ligações externas com aquele determinado conteúdo e respeitar seu tempo de apropriação e adequação.

Conforme conversa com os professores, se observa em sala de aula alunos que tiveram trauma na alfabetização, tem grandes dificuldades em entender aquela matéria, as principais vilãs são o português e a matemática, justamente estes os básicos do ciclo de alfabetização também explicado por Goulart (2010).

O quarto ponto refere-se em quais são os principais fatores que contribuem para o aprendizado e assimilação do conteúdo para o aluno.

Questões familiares. —PAII

A família, e aula diferenciada. —PBII

A família. —PCII

A família e a sociedade. —PDII

As práticas pedagógicas que dentro da realidade social norteiam o processo de alfabetização na perspectiva construtivista confrontam-se com a realidade social econômica e política educacional que se encontra em devotada mudança.

Freire (2005) ressalta que o reflexo da maneira de se comportar das crianças em sala tem uma variação muito grande, principalmente por virem de situações familiares diferentes, por serem crianças de várias posições sociais diferentes.

Muitas crianças que são criadas por avós em comum são mais protegidas, e algumas acreditam que todos têm que fazer suas vontades mesmo no ambiente escolar, algumas que crescem com os tios que detêm sua guarda são superprotegidos muitas vezes devido a razões sociais e familiares, também a atitude de alguns pais se comportarem a respeito da alfabetização igualmente tem reflexo na escola.

Um exemplo disso são crianças que contam que a mãe ou o pai exigem que elas façam o dever, enquanto eles mesmos vão assistir novela ou jogar futebol, ou seja, muitos dos pais não sentam ao lado de seus filhos para ajudá-los a na aquisição alfabética.

Ferreiro (2011) salienta que a alfabetização acontece em um ambiente que seja participativo e social, entendendo que o fator família e sociedade tem papel de destaque e podem ter influencia negativa ou positiva.

A quinta interrogação da pesquisa refere-se a entender se existe diferença em reter a atenção dos alunos conforme o método utilizado, segundo a —**PA**II, —**PB**”, —**PC**II, elucidaram que sim, já a —**PD**”, esclarece: —Sim, a atenção é igualII.

Cada criança tem sua maneira de concentração, e de entender determinada explicação e conteúdo, o professor tem em sala livre arbítrio para dar suas explicações teóricas, a partir do momento que ele percebe que as crianças não estão acompanhando a matéria devida alguma dificuldade, tem liberdade para rever o método que esta utilizando e reorganizar sua proposta de trabalho pedagógico.

O processo de alfabetização na perspectiva construtivista, conforme Carvalho (2001) o método construtivista, tem embasamentos desafiadores, incluindo a de reter a atenção das crianças, o que torna esta possibilidade como simples é alfabetizar a partir da realidade em que esta criança vive (FERREIRO, 2011) delimitando a área de estudo facilitando os caminhos para a aprendizagem de forma

teórica e prática, constata que se alfabetizamos a partir do que se conhece a atenção é diferente, pois o assunto diz respeito à própria criança e é facilmente comentado por ela.

Assim sendo, conforme o método de alfabetização que lhe é explicado ou proposto os conteúdos, despertam na criança maior ou menor interesse em aprender o que o professor esta ensinando, cada criança assimila as aulas, a seu tempo e sua maneira, depende da experimentação de cada criança acumula, e de sua vivencia cotidiana.

4.2 ANÁLISES DOS DADOS COLETADOS DOS PAIS

Os dados que se seguem foram coletados na pesquisa com os pais das crianças que estão na alfabetização em uma turma construtivista.

Aos pais foram feitas seis (6) perguntas e identificaremos os pesquisados por —P1‖ —P2‖ e —P3‖. A opinião dos pais e das famílias na escola como gestão compartilhada, sendo ela o construtivismo um diferencial na educação como um todo.

Na primeira questão pesquisamos se os pais acreditam que a alfabetização é uma etapa importante para a vida escolar de seu filho(s). Os pais —P2‖ e —P3‖ responderam que sim já o pai —P1‖ respondeu que sempre a alfabetização será a primeira e mais importante etapa da vida escolar das crianças.

A participação dos pais na alfabetização é um importante auxílio para o professor alfabetizador, pois, é com os pais que muitas vezes as crianças tiram suas duvidas.

No método construtivista Ferreiro (2011.p.23) afirma —pais para quem a leitura e a escrita são parte da vida diárial‖ entendendo que a alfabetização muda a rotina da família, e que o incentivo para que as crianças aprendam vivenciando vem especialmente de casa e da sociedade de convivência da criança.

Portanto a participação dos pais é sem duvida um novo processo de parceria entre pais alunos e professores, de quem a criança recebe incentivo e curiosidade para seguir sendo alfabetizada.

Na segunda questão investigou-se quantos filhos estes pais têm na escola. O pai —**P1** respondeu que tem dois filhos na escola, já o pai —**P2** tem um filho, enquanto o pai —**P3** tem três filhos na escola.

De modo geral as crianças umas auxiliam as outras em brincadeiras ou maneiras diferentes de agir conforme as circunstâncias, na alfabetização não é diferente, crianças que tem irmãos em geral tem mais curiosidade em aprender.

O método construtivista Ferreiro (2011) afirma que o aprendizado dá-se em um contexto social, então crianças exploram o conhecimento umas das outras, para Teberosky (2004, p. 43) —os meninos e as meninas que estão em nossas aulas provém de ambientes diversos.

A mediação e o despertar de novos modos de descobrir o mundo letrado compõe esquemas de conhecimento, onde o cognitivo e o afetivo caminham juntos.

Na terceira questão investigamos se os pais acompanham a metodologia que seu filho está sendo alfabetizado

Os pais —**P1** e —**P2** responderam que sempre acompanham os métodos que os professores trabalham na alfabetização com seus filhos, já o pai —**P3** respondeu que acompanha só às vezes.

A participação dos pais na escola é algo que está acontecendo com mais frequência e muitos procuram entender o que e como seu filho está adquirindo conhecimento, assim sendo os professores a cada dia são mais questionados sobre seu método de ensino.

A alfabetização embasada na perspectiva construtivista oferece uma quebra de paradigmas, pois o processo de aprendizagem descrito por Munari (2010) Piaget em seus estudos provou que as crianças aprendem de maneira diferente e em diferentes etapas.

Por isso o método construtivista envolve os pais e o conhecer dos métodos usados no ambiente escolar, à prática pedagógica sócio-cultural, que a escola divulga em reuniões e eventos, que as crianças aprendem em todos os ambientes e em sala de aula com os colegas, daí a importância dos pais saberem em qual método seu filho está sendo alfabetizado.

Na quarta pergunta da pesquisa investigou-se quais os métodos que a escola utiliza para se comunicar com os pais.

Reuniões, bilhetes, telefone —**P1**||

Reuniões —**P2**||

Reuniões, bilhetes —**P3**||

O conjunto das ações entre a escola com gestão compartilhada, usando telefone, reunião, bilhetes, sem dúvida acolhe com mais facilidade não só a família dos estudantes, mas a comunidade que vive no entorno deste ambiente de ensino, permite também um melhor acompanhamento dos pais para com os alunos, e a conversa entre todos, como os comunicados sobre projetos e ações, torna-se um referencial.

Ferreiro (2010) numa visão construtivista entende que conversar com os pais, sem discriminar classes sociais ou conhecimentos prévios, da aos professores alfabetizadores mais valorização de seu trabalho pedagógico, pois podem ser feitos diagnósticos que auxiliam nas dificuldades e influenciam no rendimento dos alunos.

Esta ótica construtivista visa à valorização como um todo da educação, especialmente o acolhimento das famílias na escola, esclarecendo dúvidas e acolhendo como companheiros e auxiliares para alfabetizar.

Na quinta questão perguntamos como os pais avaliam a aprendizagem de seus filhos oferecida pela escola. Todos os pesquisados responderam que avaliam a aprendizagem oferecida a seus filhos como boa.

A organização do ambiente, a participação dos coordenadores pedagógicos, a intencionalidade de fazer o melhor, plantado na escola construtivista envolve todo o corpo docente, proporcionando projetos que envolvem e resolvem problemas diários com o uso da orientação e prevenção de problemas.

Goulart (2010, p.42) afirma —a criança imita gestos e ações apresentadas a ela então na perspectiva construtivista propõe que se incentivem habilidades, valores próprios, influencia que o método de alfabetizar destaque social e culturalmente.

O acompanhamento dos pais e a sua valorização da aprendizagem de seus filhos incentiva os professores alfabetizadores a trabalhar de maneiras variadas leitura e escrita.

Na sexta questão levantada pesquisamos qual a diferença da sua alfabetização para a dos seus filhos.

Muita diferença, hoje tem internet, hoje tem muito mais tempo de estudar, antes a gente tinha que trabalhar e estudar. —P1II

Da minha ainda não tinha participação dos pais na escola e não entrava-se na escola com 04 anos, da minha filha nós pais participamos e ela entrou na escola aos 4 anos. —P2”

Diferença total, pois hoje a internet ajuda muita coisa que antes era necessário para pesquisa “P3”

As mudanças que vem ocorrendo ao longo dos anos nas escolas, tem-se identificado as alterações dos métodos, considerando as mudanças sociais que aconteceram na sociedade, especialmente na área da educação, gera motivos de análises e verificação por parte das famílias e dos sujeitos em como acontecem mudanças, no conteúdo, transporte, material didático, e em especial da tecnologia como auxiliar de estudos.

Teberosky (2004, p. 41) comenta que: —na sociedade da informação, o escrito se diversifica em sua forma e suporte, e cada vez mais nos comunicamos e nos comunicamll o método construtivista acolhe e distribui todos os conhecimentos prévios como assistencial pedagógico.

Considerando as mudanças dos métodos de alfabetização, em especial dos avós que foram alfabetizados com o método tradicional, geralmente em salas múltiplas (1º a 4º) series. Para a alfabetização dos pais com cartilha individual já nota-se mudanças no método escolar de ensino aprendizagem. Enquanto para as crianças de hoje o letramento e a leitura, tem um novo horizonte já alcançado com o uso de novos métodos como, por exemplo, o construtivista.

4.3 ENTREVISTA COM A PROFESSORA

Com o enfoque de investigar como acontece a alfabetização em uma turma do terceiro ano do ensino fundamental na perspectiva construtivista, entrevistamos uma professora que trabalha com este método, e a fala obtida aponta a influência do método utilizado pelo professor na prática pedagógica, do desenvolver da alfabetização das crianças que estão sendo letradas, mediando o ensino aprendizagem.

Em um primeiro momento trabalhamos com indagações sobre os dados pessoais e profissionais. Identificamos que a professora tem 47 anos de idade; 17 anos de magistério e durante os 17 anos na alfabetização.

No momento seguinte investigou-se como a professora organiza o ambiente da sala de aula, as carteiras e os demais materiais. Conforme seu relato na entrevista

Por falta de espaço tenho mesa e prateleiras, organizo os materiais acomodando- os, e as carteiras estão enfileiradas, bem tradicional e não tem muitos cartazes, falta espaço físico, a sala é pequena.

As condições físicas da sala de aula influenciam no aprendizado das crianças e a falta de espaço surge como um empecilho a muitas atividades que poderiam ser realizadas com o uso do método construtivista e, no entanto por falta disso não são realizadas.

O acolhimento das crianças em sala de aula é um fator que pesa na hora em que o professor desenvolve seu planejamento e aplicação dos conteúdos, os conceitos científicos e os espontâneos das crianças, juntam-se na sala de alfabetização, deste modo às conversas entre as crianças e o olhar para o colega frente a frente influencia no aprendizado.

Goulart (2010, p. 19) reforça que —no processo de interação com os estímulos do ambiente, aquisições feitas resistem aos esquemas a que a criança esta acostumada. O método construtivista deste modo estimula a criança a reorganizar seus conceitos e esquemas cognitivos da escola tradicional.

As salas com destaques para cantinhos de leitura e matemática são um exemplo de acolhimento para o aluno, que desperta curiosidade e novas formas de aprender.

No terceiro momento investigou-se qual o método de alfabetização a professora utiliza, e por quem é definido. —O método é definido por mim, e uso um pouco o construtivismo e o tradicional.

O trabalho do alfabetizador, o currículo, os objetivos a serem alcançados e a forma de abordar o conteúdo, tem influencia direta no aprendizado do aluno.

No construtivismo (GOULART, 2010) destaca os estágios da criança estudados por Piaget, e da ao professor base teórica para adequar seu currículo a

necessidade da criança, respeitando a fase que esta criança se encontra, (PADUA, 2009).

A professora se intitula como construtivista e alguns fatos definem em alguns momentos a sala como tradicional, o exemplo disso são as carteiras enfileiradas devido ao espaço físico ser pequeno para a quantidade de alunos, também tem influência tradicional as crianças que são incluídas na turma com conhecimento inferior aos que já estavam para essas crianças acompanharem a turma muitas vezes se faz necessário o uso de cartilhas que são base do método tradicional.

Indagamos se a professora recebe formação continuada com foco na alfabetização e a avaliação que ela faz sobre essa formação. Sua resposta foi a seguinte:

Sim, tivemos o estudo do PACTO, foi muito bom na hora trocamos experiências, e aprendemos a fazer os cantinhos como o da leitura e da matemática, mas o espaço em sala de aula não favorece desenvolver estas técnicas.

As formações continuadas valorizam o professor, estimulam novo conhecimento, e a desenvolver inovações em letramento e leitura, torna relevante o dialogo entre as novas dinâmicas de ensino e a experiência anterior que o professor já traz consigo.

Numa visão construtivista (FERREIRO, 2010, 2011) o modelo mecânico de alfabetizar não tem espaço, e o professor como mediador de conhecimento deve estar antenado com as pesquisas científicas a respeito da educação, proporcionando o ambiente de alfabetizar como atraente e de interação social para as crianças.

A tendência pedagógica seguida pelo professor tem ligação direta com o social dos alunos, e as formações continuadas desenvolvem uma linguagem de interação, descrição e análises das mudanças que devem ocorrer para melhorar a alfabetização.

Novamente no relato da professora é enfatizada a questão do espaço físico, já que as formações incentivam o método construtivista de cantinhos como o da leitura e da matemática, que por falta de espaço em sala não são realizados diariamente, mesmo tendo a sala de recursos (pequena) se faz necessário escolher alguns alunos para participar destas atividades.

A questão seguinte indaga se a professora acredita que de acordo com o método de alfabetização a atenção dos alunos é diferente. —Sim, às vezes tentamos trabalhar em grupos, por exemplo, pelo fato da sala estar muito cheia, nem sempre a atenção consegue se individuall

Crianças têm curiosidades por temas que chamam sua atenção e usam a escola como principal fonte de obter informação sem serem questionadas porque querem saber disso.

Pádua (2009) ressalta que nas fases em que a criança se desenvolve devemos incentivá-las a trabalhar de várias maneiras, como grupo, roda de conversa e leitura coletiva, cada incentivo gera uma desconforto que leva a acomodação e aprendizado cognitivo e afetivo.

Um grande empecilho do trabalho do professor construtivista é a falta de espaço físico para desenvolver as ações propostas. A escola tem uma grande demanda de alunos e não tem como realizar atividades como roda de conversa em sala (somente se retirar todas as carteiras pra fora) cantinhos como da matemática e leitura conforme incentiva o método construtivista às vezes são realizados na sala de recursos, mas com alguns alunos, pois esta sala também é pequena assim como a biblioteca.

Questionou-se ainda qual a opinião da professora sobre o método construtivista em relação ao método tradicional de alfabetização. —O método construtivista nos ajuda e nos dá abertura para novas formas de ensino.

Toda prática pedagógica se pauta em uma teoria que serve de norte para o professor em sala de aula, proporcionando um planejamento em que o método define e diversifica a aplicação de conteúdo.

Munari (2010, p. 54) define: —a liberdade do trabalho em classe tem implicado, geralmente a cooperação na atividade escolar. No construtivismo o professor tem função de mediador, e o aprender é um processo interno e depende do aluno, que é incentivado a pensar e a desordenar o pensamento e assimilar um novo pensamento que é dinâmico e provoca mudanças cognitivas a todo instante.

A relevância do trabalho pedagógico que organiza e reorganiza o aprendizado, com objetivos bem definidos, leva o professor a auto avaliação, como

parte do processo de aperfeiçoamento e de enfrentamento dos desafios da prática pedagógica.

Foi perguntada também a professora sobre a realização do diagnóstico de aprendizagem com os alunos e quais objetivos são traçados a partir deste diagnóstico. A mesma apresentou a seguinte fala: —Repenso meu método e tento trabalhar de outras formas, para o aluno compreender e aprender melhor.

Em busca de um ensino significativo, realizar o diagnóstico é uma maneira de identificar a barreira que a criança não está conseguindo ultrapassar na busca de novos conhecimentos.

Ferreiro (2010) descreve os diagnósticos da alfabetização em quatro níveis, são eles o nível pré-silábico, nível silábico, silábico alfabético e nível alfabético, com o método construtivista de ensino aprendizagem, o professor tem livre arbítrio para trabalhar cada criança segundo foi observado seu nível de desenvolvimento na alfabetização.

Em uma visão construtivista onde a valorização dos conhecimentos prévios é uma reorganização da troca de informações, para realizar o diagnóstico do trabalho pedagógico de ensino aprendizagem, e determinar novos caminhos começa sem sombra de dúvida na avaliação diária do desenvolver das atividades de alfabetização.

Ao adotar um método de ensino, o professor faz seu planejamento segundo a teoria prevista por ele, e pensa nos alunos com um desenvolver de conteúdo que de abrangência a todos, entendendo que o currículo proposto vai chamar os alunos a organizar, desorganizar e reorganizar o conhecimento prévio que tinha assimilando um novo fator ao que já conhecia.

Perguntamos também à professora quais são os principais fatores que contribuem para o aprendizado e assimilação do conteúdo. A mesma nos deu a seguinte resposta: —Preparar aulas diferenciadas e bem planejadas.

Seguir o currículo nem sempre é uma opção simples e fácil, especialmente quando os conteúdos não se atem a realidade geográfica do local onde a escola se localiza, então a principal arma do professor é o planejamento.

De acordo com os princípios teóricos construtivistas de Ferreiro (2010; 2011) Goulart (2008) Teberosky (2004; 2011) Pádua (2009), aulas bem planejadas pelo

professor alfabetizador norteia a prática, e envolve o conhecer os níveis de desenvolvimento que tem seus alunos, e demonstra competência de mediador do conhecimento pré-planejados e com aulas diferenciadas envolvendo as questões familiares e sociais como coadjuvantes deste processo de ensino aprendizagem.

Pádua (2009) As aulas se desenvolvem com análises de fatos, seguindo a teoria construtivista com seus estágios sensório motor, pré-operatório, operações concretas e operatórias formais para em cada etapa a criança ter o papel de equilíbrio, assimilação e acomodação para as resoluções de problemas, não como dificuldade de alfabetizar, e sim como expectativa já delineada de recursos para construção do conhecimento das crianças.

A última questão indagou sobre quais são as dificuldades encontradas para se trabalhar com o método construtivista. Para tal questionamento a professora expôs a seguinte resposta: —A disciplina dos alunos, e a disponibilidade de materiais||

As mudanças sociais são a principal ação da disciplina ou indisciplina dos alunos, a transferência de atitudes que devem ser tomadas por alguns pais e simplesmente é transferida para os professores e a escola interfere negativamente no ensino aprendizagem da alfabetização.

A disponibilidade de materiais didáticos e a falta de espaço físico para realizar muitas tarefas da teoria construtivista onde as crianças tem um papel ativo no aprender tanto no âmbito da motricidade, como na atividade representativa dos modos de descobrir experimentando, quanto no pensamento operatório que organiza as propostas vivenciando se torna inviável se a escola não fornecer espaço adequado para a realização destas atividades.

Goulart (2008) e Carvalho (2001) definem método construtivista como uma nova diversidade na escola, dá aos professores aparato para entender e vivenciar o cotidiano das crianças, e a partir de então, dar novo contexto a alfabetização, empírico e teórico caminhando juntos.

A principal proposta construtivista tem como parecer ajudar o professor a apresentar novas situações de aprendizagem ao aluno, percebendo que os estudos de Piaget sobre a Psicogênese de língua escrita, podem e devem ser aplicados como diferencial da educação infantil.

4.4 DESCRIÇÕES DA OBSERVAÇÃO

O problema investigado nesta pesquisa refere-se em como acontece à alfabetização em uma perspectiva construtivista, visando apresentar, descrever e analisar com base teórica dos estudos construtivistas do desenvolvimento da criança na alfabetização, e de cunho científico conforme (SEVERINO, 2007) a investigação oferece informações preciosas para entender o problema que se investiga com este estudo.

Ao analisar a sala de aula a qual fiz a pesquisa de campo encontrei as seguintes condições, a professora é a mesma entrevistada nesta pesquisa científica, fiz a observação da sala de 16 a 20 de março de 2015. A professora trabalha com 34 crianças, sendo 20 meninas e 14 meninos, dentre eles três especiais dois com laudo de transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) e uma criança surda, todos no terceiro ano do ensino fundamental, com idade de 9 a 11 anos. A professora titular da turma tem devido a condição especial da sala o auxílio de outra professora que a assessora e ajuda no desenvolver das atividades com as crianças especiais, ajudando quando possível outros alunos também.

O método construtivista ao qual a professora se intitula é pouco visto na sala de aula, devido a falta de espaço físico e a quantidade de alunos as carteiras estão enfileiradas como no método tradicional, não há muitos cartazes nas paredes, segundo a professora devido a sala não ser somente da alfabetização, e sim dividida no período vespertino por alunos do ensino médio e no período noturno por alunos do EJA, que muitas vezes retiram os cartazes,

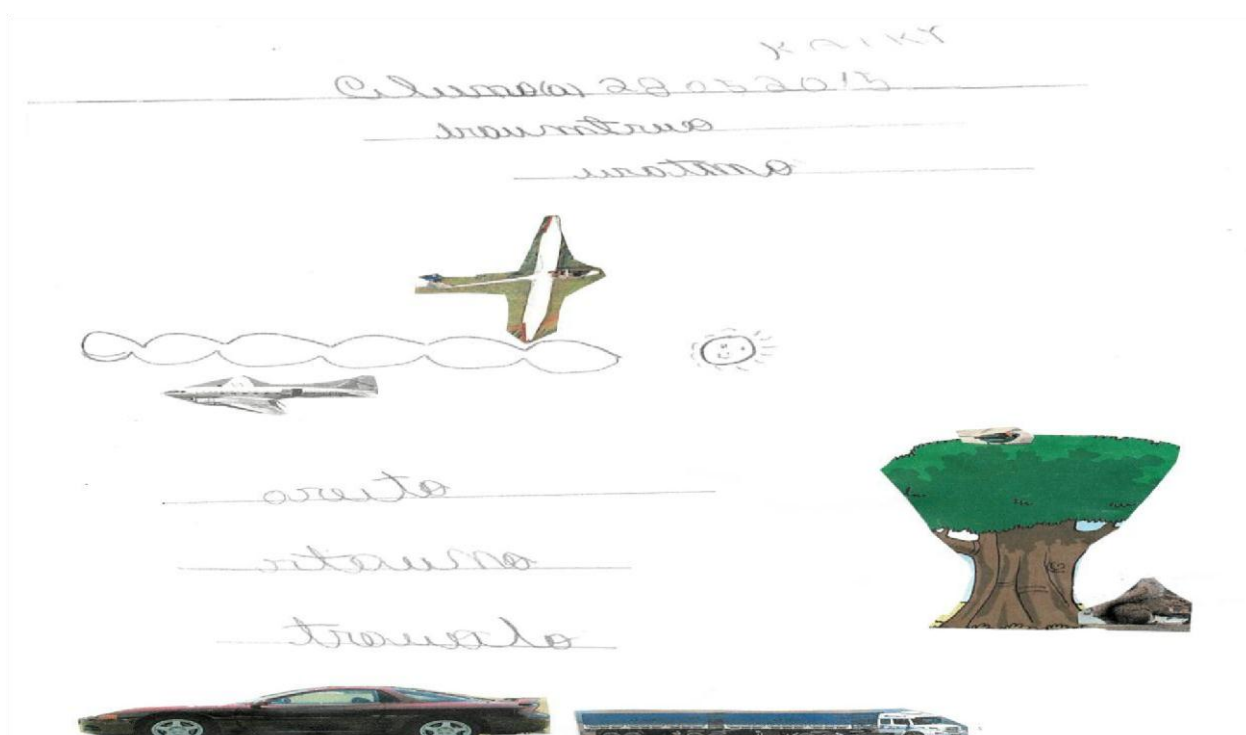
O trabalho na perspectiva construtivista incentiva cantinhos de leitura e matemática, e a professora tenta fazer essas atividades ora na sala de recursos com algumas crianças, ora na biblioteca com outras e até na quadra da escola que comporta toda a turma, mas a atenção fica dispersa na quadra devido ao movimento do pátio escolar.

Percebe-se que no final do ciclo temos alunos nos quatro níveis tanto pré-silábico, como silábico, silábico alfabético e nível alfabético, as crianças são diagnosticadas na avaliação em sala, algumas que estão na turma vindas de outras instituições ainda fazem uso de duas vogais para referirem-se, por exemplo, a palavra casa, usando quantidade de grafismo, na turma tem criança em nível silábico escrevem uma sílaba por letra e tem dificuldade de entender o contexto como um

todo, tem também na turma alunos silábico alfabético que fazem a correspondência entre sons e formas de escrita, e a maioria da turma é considerada alfabética já conseguem fazer a análise fonética.

A figura 1, representada por uma atividade de uma das crianças, com 10 anos de idade, referiu-se ao recorte e referência a algo sobre a figura. Observa-se, em um primeiro momento, que de acordo com as hipóteses silábicas esta criança está no nível pré-silábico, uma vez que em quase todas as palavras escritas por ela, utiliza as mesmas sílabas. É recomendado neste caso que a professora trabalhe instigando os alunos a dizerem o que está escrito, onde está escrito. No caso dessa atividade não podemos identificar o que o aluno escreveu (teve a intenção de escrever), pois não aparece a exploração da professora e seus questionamentos para que o aluno avançasse na hipótese, nem mesmo saber se ele domina a pauta sonora.

Figura 1 - Nível Pré-silábico com grafia de letra cursiva.



Fonte: Dados coletados na pesquisa (2015).

A figura 2 apresenta outra criança, também com 10 anos, com as mesmas características da primeira.

Figura 2 - Pré-silábico com repetição de vogais.



Fonte: Dados coletados na pesquisa (2015).

De acordo com Ferreiro (2010, p. 20) expõe que:

Quando uma criança escreve tal como acredita que poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, esta nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado.

O que não foi identificado nas atividades apresentadas, perdendo-se a oportunidade de intervenção no aprendizado dos alunos.

Ainda Ferreiro (2010, p. 21) complementa: —O modo tradicional de se considerar a escrita infantil consiste em se prestar atenção apenas nos aspectos gráficos dessas produções, ignorando os aspectos construtivos.

Por outro prisma, encontramos crianças já alfabéticas, conforme a figura 3 nos demonstra.

Figura 3 - Nível alfabético



Fonte: Dados coletados na pesquisa (2015).

Perceber o desenvolvimento da criança na atividade da ao professor o diagnostico de como a alfabetização acontece que segundo Ferreiro (2010, p. 45):

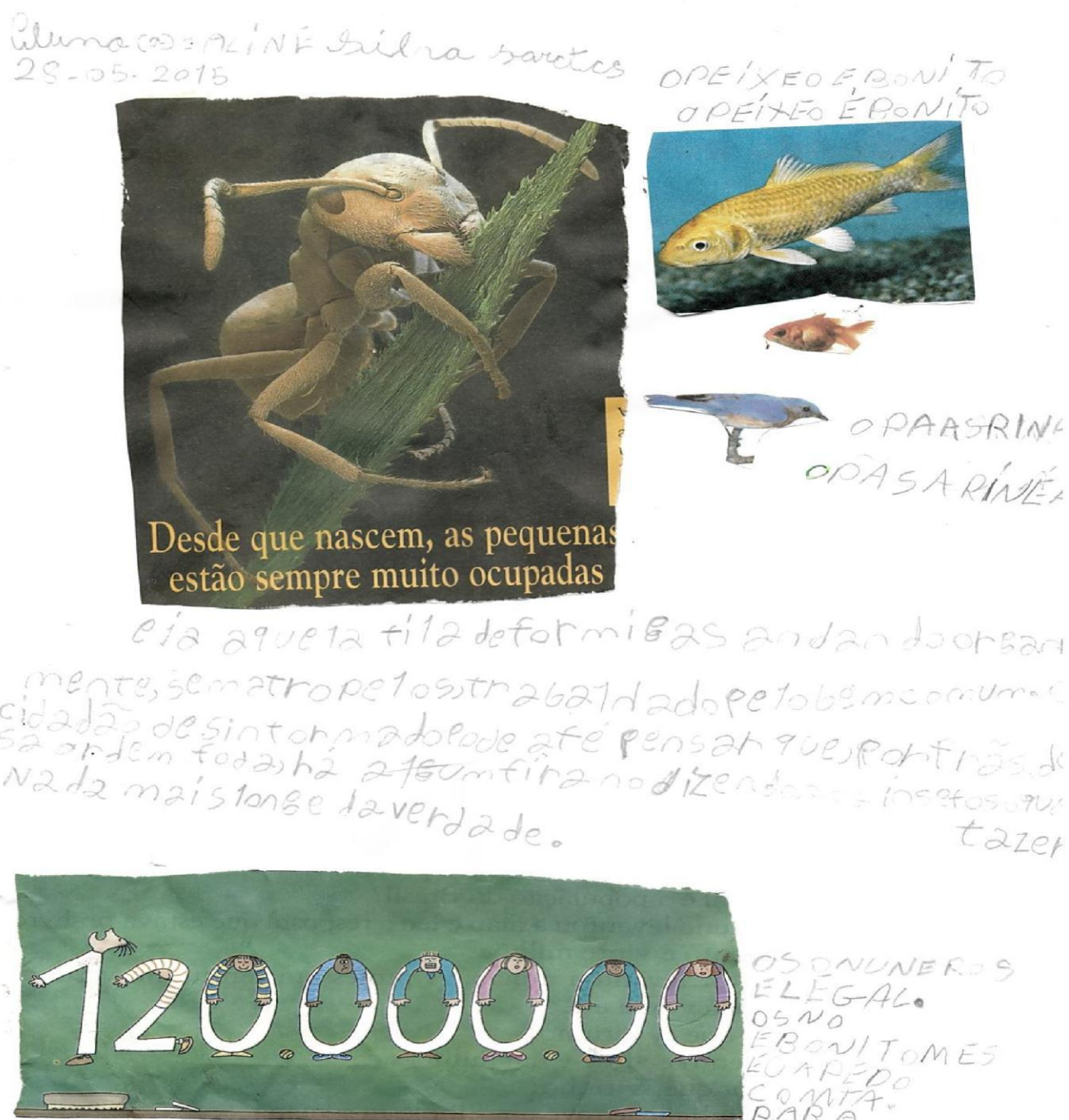
Aqui como em outros campos do desenvolvimento cognitivo, encontramos grandes diferenças individuais: algumas crianças chegam a descobrir os princípios fundamentais do sistema antes de iniciarem a escola, ao passo que outras, estão longe de conseguir fazê-lo.

A intervenção do professor, no desenvolver das atividades das crianças que claramente já estão alfabetizadas, acontece como mediação, para aprimorar a construção e maior assimilação que as crianças já possuem, muitas vezes advindas de uma convivência social e que a escrita e a leitura estão transformando em teoria

que passa a ser interpretada, não somente pela criança, mas também pela turma a qual ela faz parte na alfabetização.

Na figura 4, demonstra-se uma criança alfabetizada no método construtivista, pois a criança não expõe uma parte da figura e sim um todo da mensagem que deseja passar.

Figura 4 - Nível alfabético com método construtivista



Fonte: Dados coletados na pesquisa (2015).

As crianças desenvolvem as atividades conforme entendem a leitura e escrita e percebe-se as diferenças bem definidas dos métodos de ensino. Então Ferreiro (2010.p.91) descreve:

Se as crianças testam, com tanto esforço, diversas hipóteses estranhas a nosso modo de pensar, por alguma razão há de ser. Apesar das práticas escolares, seu problema não é compreender tal ou qual regra de correspondência sonora, tal ou qual escrita isolada. Seu problema é compreender a natureza do sistema de escrita que a sociedade lhes oferece.

As crianças vivem em um mundo letrado, sua primeira experiência vem com a língua materna, que pode ter uma variação entre a língua falada e escrita e ter também uma variável formal, informal, rural ou urbana e com motivações diferentes para a aprendizagem grafocêntrica, que segundo Ferreiro (2010, p. 21) —os aspectos gráficos tem a ver com a qualidade do traço, a distribuição espacial das formas a orientação predominante e a orientação dos caracteres individuais entendendo os valores sonoros a fonética e a ortografia, a assimilação da criança para o mundo letrado onde vive se torna um auxiliar alfabético, com placas, fachadas, pinturas panfletos, adesivos e outdoors distinguindo diferenças gráficas a serem compreendidas em seu desenvolvimento cognitivo.

A professora faz uso de materiais variados como jogos de memória, montagens alfabéticas, leituras livres, inclusive de cartilha que é à base do método tradicional, segundo ela para tentar adiantar o conhecimento das crianças atrasadas usando a repetição das letras e sílabas para assimilação da atividade que se trabalha em sala de aula, além de aulas de reforço com o auxílio dos pais incentivando os cantinhos tanto de leitura como de matemática.

As aulas diferenciadas com materiais como revistas, tabuada feita com material reciclável, embalagens e livros variados servem para estimular as crianças especialmente os casos de transtorno (TDAH) que fazem parte da turma, para poder envolver e desenvolver a todos, dando atenção especial aos que se encontram em diferentes fases, na sala temos ainda crianças que não conseguem escrever com letra cursiva.

Ante as considerações apresentadas, é necessário aferir que o ambiente alfabetizador requer inúmeros recursos para uma prática eficaz. O que se observou foi uma sala de aula com um número elevado de alunos e o mais agravante sendo três com necessidades especiais.

Outro fator preponderante é o espaço físico insuficiente para atender a demanda, concordando com a professora que se torna difícil uma prática construtivista em um ambiente como este.

Quanto ao posicionamento da professora sobre aferir que em parte trabalha o método construtivista e em outro método tradicional, apresentamos o seguinte questionamento: Isso é possível? Ou ainda está arraigado em sua prática resquícios do método tradicional? Comumente os professores apresentam um discurso construtivista, mas na prática não é isso que acontece.

Quanto à aplicação do método em si, ficou constatado nas atividades dos alunos, que há lacunas a serem observadas pela professora para que ocorram as intervenções necessárias no sentido de contribuir com avanços significativos para o alfabetizando.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve por objetivo geral identificar a alfabetização em uma perspectiva construtivista. Assim constatou-se que os métodos são primordiais para que se desenvolva com qualidade a prática pedagógica e no caso específico a alfabetização, o professor no caso é quem sistematiza o método na prática pedagógica. O método é determinante para a qualidade do ensino, uma vez que cada método está alinhado a uma teoria pedagógica.

Entender como acontece a alfabetização e o letramento é condição indispensável ao professor, uma vez que, os métodos tradicionais já não se justificam ante um contexto marcado por inovações aceleradas. As crianças, principalmente no meio urbano convivem com uma sociedade grafocêntrica que as influencia diretamente.

Dessa forma é que apresentou-se o método construtivista como uma possibilidade de inovação em relação a outras formas de alfabetizar, onde o ensino e aprendizagem devem ser pensados a partir de como a criança aprende, considerando que cada uma tem um desenvolvimento biológico, conforme os estudos de Piaget e ao mesmo tempo são influenciadas pelo meio.

Evidenciamos um distanciamento entre as falas da professora entrevistada e as observações de sala de aula, não no sentido de elucidar que a professora não conhece o método construtivista, mas observamos que há vários impedimentos a começar pela infraestrutura que não permite atividades e uma organização mais dinâmica.

Quanto às observações da produção dos alunos, com um olhar construtivista, evidenciamos que ainda há lacunas a serem preenchidas na prática pedagógica no sentido de colaborar com o avanço da escrita e de significados emitidos pela criança. O que requer mais compreensão por parte dos professores, evitando um discurso distanciado do método, no caso do construtivismo.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, José Fonseca de. **Construtivismo: uma pedagogia esquecida da escola**. Porto Alegre: Artemed Editora, 2001.
- FARIAS, Marco Antônio A. de. **Elaboração de Trabalhos Acadêmicos com Formatação no Microsoft Word**. Porto Velho: Editora SENAC, 2007.
- FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização**. 25. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em processo**, São Paulo: Cortez, 1986.
- FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em processo**/Emilia Ferreiro: tradução Sara Cunha Lima, Marisa do Nascimento Paro. 20º ed. São Paulo: Cortez. 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.
- GOULART, Iris Barbosa. **Piaget: experiências básicas para utilização pelo professor**. 24. ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- GARCIA Sanchez, Jesus Nicasio. **Dificuldades de aprendizagem e intervenção psicopedagógica**; trad. Ermani Rosa. Porto Alegre: Artemed, 2004.
- MORAIS Artur Gomes, ALBUQUERQUE Eliana Borges Correia de, LEAL Telma Ferraz. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Organizado por Artur Gomes Moraes, /Eliana Borges Correia de Albuquerque, Telma Ferraz Leal. — Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- MACEDO, Lino de. **Ensaio construtivistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- MUNARI, Alberto. **Jean Piaget** / tradução e organização: Daniele Saheb. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora: Massangana, 2010.
- PIAGET, Jean. 1896-1980. **Psicologia e Pedagogia/Jean Piaget**; (Tradução de Dirceu Accioly Lindoso e Rosa Maria Ribeiro da Silva). 10.ed.rev.-Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 2010.
- PIAGET, Jean. O nascimento da inteligência na criança. 9.ed. tradução de : Maria Luiza Lima, Paris: Delachaux e Niestle, 1971.

Disponível

em:

<http://pt.slideshare.net/renatacd/piagetonascimentodainteligencianacriancalivro>

PÁDUA, Gelson Luiz Daldagan de. **A epistemologia Genética de Jean Piaget**. Revista FACEVV /1º semestre de 2009 /nº2 /p.22-35.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: polemicas do nosso tempo**. Edição comemorativa. Campinas- SP: autores associados, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941. **Metodologia do trabalho científico** / Antônio Joaquim Severino. 23. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.

SIENA, Osmar. **Metodologia da pesquisa científica: elementos para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos**/Osmar Siena. _ Porto Velho: [s.n.], 2007

TEBEROSKY, Ana, **Contextos de alfabetização inicial**/Ana Teberosky, Marta Soller Gallart. Tradução Francisco Setteneri. Porto Alegre: Artmed, 2004.

TEBEROSKY, Ana. **Psicopedagogia da linguagem escrita** /Ana Teberosky; tradução de Beatriz Cardoso; prefácio de Claudia Lemos. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.